DANIEL RODRIGUES AURÉLIO

DOSSIÊ BEATLES

A BANDA QUE INFLUENCIOU GERAÇÕES

UNIVERSO DOS LIVROS

DANIEL RODRIGUES AURÉLIO

DOSSIÊ BEATLES

A BANDA QUE INFLUENCIOU GERAÇÕES

UNIVERSO DOS LIVROS

DANIEL RODRIGUES AURÉLIO

DOSSIÊ BEATLES

A BANDA QUE INFLUENCIOU GERAÇÕES

SÃO PAULO
2009

UNIVERSO DOS LIVROS

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua Tito, 1.609
CEP 05051-001 • São Paulo/SP
Telefone: (11) 3648-9090 • Fax: (11) 3648-9083
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br

© 2009 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor Editorial
Luis Matos

Assistência Editorial
Tatiana Costa

Preparação dos Originais
Fernanda Batista dos Santos

Revisão
Alberto Bononi

Projeto Gráfico
Daniele Fátima

Diagramação
Cláudio Alves
Stephanie Lin

Capa
Sérgio Bergocce

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A927d Aurélio, Daniel Rodrigues.

Dossiê Beatles / Daniel Rodrigues Aurélio.
São Paulo : Universo dos Livros, 2009.
128 p.

ISBN 978-85-7930-011-0

1. Beatles (Conjunto Musical). 2. Biografia.
I. Título.

CDD 927.8166

Introdução

Em 2003, o mundo da música celebrou os 40 anos de *Please please me*, álbum de estreia da banda inglesa *The Beatles*, lançado em 22 de março de 1963 pela gravadora Parlophone Records. De origem alemã, a Carl Lindström Company, proprietária da Parlophone, foi adquirida em 1926-27 pela Columbia Gramophone Company, um dos elos fundadores, em 1931, da Electric & Musical Industries Ltd., *major* fonográfica sediada em Londres e conhecida pelo acrônimo EMI[1].

Coincidente ao mês da invasão dos EUA ao Iraque (o entronizado pacifista John Lennon ficaria frustrado…), a data comemorativa era mais uma ótima oportunidade para rememorar o nascimento de um fenômeno musical e sociológico. A fabulosa ascensão dos Beatles se insere em determinado contexto sociohistórico e excede a ele. Naqueles embalos de 63, mediam-se os *hits* das rádios pela frequência com que eram selecionados nas boas e velhas *jukebox*[2]. E os jovens sonhavam repetir a saga dos *rockstars* da década anterior: Little Richards, Chuck Berry, Sam Cooke, Bill Haley & His Comets, The Platters e o maior de todos os ídolos, Elvis Aaron Presley. Nos países anglófonos, onde o rock ‘n’roll e o pop se desenvolveram como gênero musical e elemento da cultura jovem, pululavam artistas e bandas a animar bailes, festas e namorinhos.

A partir dos anos 1950, uma espécie de “identidade juvenil” começou a se afirmar, não sem antes topar com a resistência sisuda das autoridades. As práticas dos chamados *teenagers*, expressão usual de articulistas como Elliot Cohen, do jornal *The New York Times*[3], eram consideradas manifestações de delinquência, libertinagem e transgressão. Os puritanos se melindravam com as “indecências” de Elvis “The Pelvis” Presley. Famoso pelo chacoalhar frenético de pernas e cintura, o cantor costumava ser filmado do tronco para cima. Por gerar audiência e lucro, Elvis não poderia ser banido da televisão. Restava aos zeladores dos “bons costumes” improvisar uma censura (nem tão) velada àquela “dança profana”.

As vozes do conservadorismo moral estrilaram, mas essa garotada do pós-Segunda Guerra Mundial representava um filão mercadológico extremamente tentador. E o consumo sustenta a economia de mercado, não é? O estilo de vida *teen*, codificado no vestuário, na alimentação, nas gírias e nos gostos, acabou assimilado e habilmente estimulado pela indústria de bens culturais. Das lambretas ao cardápio das lanchonetes, do jeans às revistas segmentadas, produtos e campanhas direcionavam-se para esse público-alvo sedento por novidades, capaz de girar cifrões numa velocidade superior ao ritmo de um Jerry Lee Lewis: "I said shake, baby shake!".

Fonte de divertimento e distração – e termômetro de valores e costumes –, o cinema hollywoodiano ajustava a sua linguagem a essa leva geracional, difundindo identidades, símbolos e ícones culturais. Hollywood, fábrica de sonhos e fetiches[4]! O topetudo galã James Dean, morto num acidente de automóvel aos 24 anos, transformou-se numa lenda intemporal de rebeldia. Os filmes de Nicholas Ray (*Juventude Transviada*, 1955) e Robert Altman (*Os delinquentes,* 1957) exploravam a temática e "motivavam" arruaças e quebra-quebras nas salas de projeção.

Nem a literatura ficou fora dessa onda. Um exemplo? As desventuras do personagem Holden Caulfield, 16 anos, narrada pelo escritor J.D. Salinger em *O apanhador no campo de centeio*, de 1951 – Mark David Chapman, o assassino de Lennon, trazia o livro consigo no dia do crime e afirmou à polícia ser a obra de Salinger "o argumento" para matar o ex-beatle. As experimentações lisérgicas e a escrita fluída da Geração Beat talvez possa entrar nessa contagem, por que não?[5]. Contudo, era a música a principal catalisadora dos desconfortos, sonhos, vivências, desencantos, esperanças e revoltas daquela moçada em ebulição que viveu ali, entre a ressaca das guerras mundiais, o início da disputa ideológica URSS *versus* EUA e às vésperas do conflito no Vietnã, no qual a juventude desempenharia uma consciência crítica fundamental.

Os Beatles viam esse cenário com entusiasmo. Elvis, Dean, rocks. À procura de um lugar ao sol, eles rondavam o estrelato mundial. Os quatro rapazes de Liverpool, cidade portuária localizada no condado de Merseyside, no noroeste da Inglaterra, enfrentavam concorrência pesadíssima no lado de lá do Atlântico, o eldorado do sucesso. Em 1963, por exemplo, chegaram às lojas de discos *Surfin' USA* e *Surfer Girl*, respectivamente o segundo e terceiro *long-plays* dos The Beach Boys, banda californiana liderada por Brian Wilson, um compositor, como se

sabe, do calibre de Lennon & McCartney. E agora, John? O que fazer, Paul? Como conquistar a América (e o planeta)?

Direto de Londres, a dionisíaca dupla Mick Jagger e Keith Richards ensaiava os primeiros passos, trejeitos e *riffs* do The Rolling Stones. Outros reforços a caminho. Era preciso renovar a produção. (*I cant'get no*) *Satisfaction*! E o êxito de Beatles, Stones, Kinks e Yarbirds nas paradas das rádios e em movimentadas turnês pelos EUA (leia-se o centro nervoso do consumo), mesmo diante da talentosa cena roqueira local, foi batizado pela imprensa de "A Invasão Britânica".

A histeria das fãs tornava quase inaudíveis as apresentações dos grupos. Gritos e aplausos soterravam acordes e notas, ritmos e melodias. Os Beatles venceram de goleada na categoria "adoração ensurdecedora". O Fab Four (Quarteto Fabuloso) atingiu os píncaros da glória no dia 9 de fevereiro de 1964. A exibição da banda no The Ed Sullivan Show, talk-show da rede de televisão CBS, registrou a maior audiência da TV estadunidense. Enquanto os rapazes tocavam o *single* "I Want to Hold Your Hand", primeiríssimo lugar em execuções, um público estimado em 73 milhões de telespectadores conferia a alvorada de uma nova mania, ou melhor, da Beatlemania.

O grande sucesso "I Want to Hold Your Hand", gravado em 1963, não aparece em *Please please me*, mas em *Meet the Beatles!*, LP direcionado para o mercado dos EUA e lançado em 1964 pela Capitol Records em associação com a Parlophone/ EMI. O primeiro disco dos Beatles, porém, é o marco oficial dessa história de parceria relativamente curta e de proporções colossais.

As canções compostas e executadas por John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr, produzidas pelo arranjador e pianista George Martin no mítico Abbey Road Studios, em Londres, trouxeram consequências imperecíveis para a música, a estética e a cultura popular, com efeitos notórios no imaginário e nos costumes de várias gerações, inclusive aquelas que não acompanharam, no "calor dos fatos", a trajetória da banda[6]. Embora abalada nos últimos anos pela Internet, com suas redes sociais e sites de compartilhamento de arquivos, se existe uma indústria fonográfica e artistas aos montes reproduzindo a cartilha do cancioneiro pop, os Beatles e a Beatlemania tiveram enorme responsabilidade nisso. Para o bem e para o mal.

Portanto, quando raiou 2003, carregando fogos de artifício e a efeméride, era hora de fazer o balanço. À época colunista da revista *[]Zero*, fui

convidado a escrever um artigo especial para o site do periódico[7]. Além deste humilde escriba, jornalistas e críticos de música anotaram suas impressões e análises sobre o legado dos Beatles. O jornalista e cineasta José Emilio Rondeau, ex-Bizz e Somtrês, fera do jornalismo cultural e venerado por aspirantes a críticos de música e cinema, relembrou, salvo engano, um encontro com John Lennon. E eu, metido a polemista, resolvi assumir-me um consumidor de subprodutos dos Beatles – alguns decididamente bons, outros… A provocação dava o tom da "Divã Pop", a minha coluna no site da *[]Zero*.

Curiosamente, meu textinho elencava algumas possíveis razões para a perenidade dos Beatles. A influência exercida por eles atravessa de cabo a rabo a música pop, da melodia ao visual, dos recursos de gravação ao planejamento de carreira. Basta lembrar rapidamente de cada aspecto criado ou aperfeiçoado pelo Fab Four:

1. As *boy bands* e grupelhos pop emulam a *mise-en-scène* e performance dos Beatles[8]. Desde as jornadas no Cavern Club e em Hamburgo, eles se cercaram de detalhes cênicos e de produção: o corte de cabelo, a pose de bons moços, os terninhos milimetricamente alinhados, as baladas românticas intercaladas por músicas dançantes. Cada integrante correspondendo a um modelo construído em cima de características pessoais: o doce, o tímido, o alegre, o polêmico.

2. Os Beatles ajudaram a consagrar (veja bem, queridos especialistas, eu disse *consagrar* e não *inventar*) a formação bateria-baixo-duas guitarras, acrescidas em estúdio por teclados, cordas e metais, elementos hoje indispensáveis em diversos estilos. Até o sertanejo-pop, o forró e a axé music pós-Daniela Mercury aproveitam-se desse "estofo" sonoro garantidíssimo.

3. Insinuado em *Rubber Soul* (1965), o experimentalismo presente em *Revolver* (1966), *Sgt. Pepper's* (1967) e *The Beatles – The White Album* (1968) estabeleceu as premissas da alquimia contemporânea. Vocalizações, vibratos, instrumentos inusitados, músicas incidentais, jogos de palavras, psicodelia, flerte com a música erudita e ritmos ditos "exóticos": ouça e comprove!

4. Os Beatles procuravam trabalhar imagem e som. Música e vídeo. À moda Elvis Presley, o cinema contribuiu para divulgar a banda. Vídeos de "Paperback Writer" e "Rain" foram enviados às TVs antes da existência de canais de videoclipes, prenunciando a era MTV.

5. A cuidadosa profissionalização do ofício. *Business*, *business, business.* Para cada etapa, uma meta. Gerenciamento, marketing, empreendedorismo. Banda-empresa. A gestão de carreira ficou a cargo do empresário e caça-talentos Brian Epstein. Os integrantes, de tanto conhecer a máquina, se aventurariam a fundar, em 1968, a companhia Apple Corps. Mas as trapalhadas e os golpes sofridos na gestão da Northern Songs, editora musical dos Beatles, e a consequente privação dos direitos sobre as próprias músicas, desfaz a reputação de "administradores" espertos.

Conclusão: os Beatles influenciaram a arte e a indústria da música. A propósito, *influenciar* será a palavra-chave neste *Dossiê The Beatles*. Para o maestro Júlio Medaglia,

"Se Elvis Presley, na segunda metade da década de 50, se sacudia mais que uma batedeira Walita, na década posterior os quatro rapazes de Liverpool assumiram a liderança nas paixões juvenis, conduzindo as transformações para um universo de ideias bem mais amplo e provocador."[9]

Não é só um negócio frio e calculista, viu? O toma aí o *hit* e dá cá a grana. A carga afetiva, social, histórica e cultural também estão presentes nesse enredo. Por isso, eles merecem um *Dossiê* caprichado, dedicado àqueles que vivenciaram a Beatlemania (para relembrar momentos) e para os que admiram o som da banda e querem saber como os Beatles se conheceram, se formaram, estouraram, atingiram o topo, se separaram e adentraram o panteão dos mitos da música.

Como qualquer fã dos Beatles, quero de antemão deixar anotado meu *top 10*. Não faço exibição de preciosismo técnico; as canções abaixo se conectam aos melhores momentos da minha vida. Simples assim. Segue:

1 – All You Need is Love
2 – Let it Be
3 – In My Life
4 – Day Tripper
5 – Don't Let me Down
6 – Twist and Shout
7 – Here Comes the Sun
8 – Hey Jude
9 – With A Little Help From My Friends
10 – Across the Universe

Concorda? Quem sabe! Num manancial de belas canções, você poderá facilmente compor um *set-list* de tirar o fôlego, dispensando-se de recorrer às faixas que escolhi. Porque listas *top* são controversas. E irresistíveis. Que o diga o escritor inglês Nick Hornby, fanático por música, torcedor apaixonado do Arsenal FC e autor de *Febre de Bola* (1992) e *Alta Fidelidade* (1995).

Boa leitura!

(P.S.: aproveita e coloca Beatles para tocar enquanto lê!)

---

1 O processo de fusões e aquisições no mercado fonográfico merecerá destaque nas páginas deste *Dossiê Beatles*. Dona de um catálogo estrelar (seu cast vai do Pink Floyd ao RBD), a multinacional inglesa EMI Group resulta de diversas compras e incorporações de selos e gravadoras ocorridas já nos anos 1930-40. Sobre a indústria fonográfica, recomendo o livro *Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura* (São Paulo: Boitempo, 2000), de autoria da socióloga brasileira Marcia Tosta Dias.

2 Aparelho de som, geralmente instalado em bares, lanchonetes e espaços de dança, no qual o cliente ouve, mediante pagamento prévio, as músicas de sua predileção. Essas máquinas armazenam uma quantidade preestabelecida de discos. O conceito da jukebox serve de base para tecnologias e formatos mais recentes.

3 Ver mais em MIRA, Maria Celeste. "Pop e Bizz: adolescência, juventude e mercado editorial". *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX* (São Paulo: Olho d'Água/ FAPESP, 2001).

4 Ao receber o Oscar Honorário em 1993, o cineasta italiano Federico Fellini, diretor das obras-primas *A doce vida* (1960) e *Amarcord* (1973), disse "do tempo em que o cinema e a América [EUA] eram quase a mesma coisa". O discurso de Fellini comprova o magnetismo dos filmes hollywoodianos.

5 Alguns escritores e poetas beats: Allen Ginsberg, William Seward Burroughs e Jack Kerouac, autor do clássico *On the road* (1957), publicado no Brasil pela L&PM, com tradução do jornalista e escritor Eduardo Bueno, o Peninha.

6 Ex: a agência de notícias EFE noticiou a criação do curso de extensão "Os Beatles, a música pop e a sociedade", organizado pela Universidade de

Manchester. Os acadêmicos de Manchester entendem os Beatles como um fato social merecedor de estudo cultural e sociológico. A nota da EFE foi reproduzida pelo Portal G1, das Organizações Globo (03 mar. 2009).

7 Editada por Luiz Cesar Pimentel (diretor de redação), Marco Bezzi (editor) e Daniel Motta (diretor de arte), a revista de música e cultura pop *[ ]Zero* circulou entre 2002 e 2004.

8 Os Beatles, por sua vez, copiavam características de bandas predecessoras. Nada se cria, tudo se transforma?

9 MEDAGLIA, Júlio. "Iê, Iê, Iê, Alegria, Alegoria". *Revista Cult*, jan. 2003, p. 56.

I
A gênese dos Beatles

O ROCK'N'ROLL É A "MÚSICA DA JUVENTUDE" POR EXCELÊNCIA

A consagradora viagem do rock dos EUA ao Reino Unido teve passagem de ida e volta. Elvis Presley conquistou a terra da Rainha e os estadunidenses aprenderam a amar os Beatles e os Rolling Stones. Mas não deixa de ser curioso que jovens britânicos como John Winston Lennon tenham se amarrado num subgênero derivado do folk e do jazz, cujo ritmo assemelha-se ao *rockabilly.* Nos anos 1950, o *skiffle* fazia a cabeça daquela moçada. Essa variante sonora conjugava a uma linha melódica assoviável e dançante o uso de instrumentos criativos, para não dizer improvisados. Caixas, latas, madeiras e utensílios domésticos se transformavam em percussão e contrabaixo. Agente secreto do seriado oitentista *Profissão: Perigo*, o engenhoso Angus MacGyver certamente aprovaria!

Considerado o rei do *skiffle* britânico, o escocês de Glasgow, Anthony James Donegan, o Lonnie Donegan, foi um dos responsáveis por popularizar o estilo. Vindo da cena jazzística de Londres, membro de *big bands* e escolado em *jam sessions* noite adentro, Donegan "incendiava" o público à frente de sua Lonnie Donegan's Skiffle Group. O *single* "Does Your Chewing Gum Lose Its Flavor (On The Bedpost Over Night)" ultrapassou as fronteiras, cruzou o oceano e, dois anos antes da invasão britânica às rádios da América, alcançou por lá o cobiçado *top five*.

O *skiffle* de Donegan tinha a atitude e a jovialidade roqueira. Trazia em sua estrutura irreverente o frescor da novidade, embora fosse tocado desde o início do século no sul dos EUA. Ele provém do ventre do jazz, do rhythm and blues, da soul music e do rock. Ora, os principais gêneros da música popular dos EUA se constituíram na abençoada junção das quebradas de New Orleans às baladas do Meio-Oeste. Os estilos e ritmos se

consolidaram no intercâmbio da tradição afro-americana com a música dos imigrantes irlandeses, italianos, do Velho Mundo: gospel, folk, country music, blues, cantigas célticas e folclóricas. Ou seja, o apreço de John Lennon pelo *skiffle* pode ser curioso, mas nem tanto assim. Donegan e Elvis; tudo se conecta, enfim!

John decidiu ir além da posição de ouvinte. Em 1956, montou com amigos a banda de *skiffle* The Black Jacks Skiffle Group, rebatizada de The Quarrymen, por vezes The Quarry Men, referência ao colégio de Allerton, subúrbio de Liverpool, onde estudavam os garotos. O Quarry Bank High School – Grammar School – era um ateneu para meninos[1]. Formavam o conjunto Peter Shotton, à época melhor amigo do vocalista e guitarrista John (o hoje empresário Shotton arranhava o *washboard*, tábua de lavar já utilizada pelos músicos da Louisiana); Eric Griffths (guitarra); Bill Smith (baixos *washtub* e *tea chest*, isto é, uma caixa de chá atada a um cabo de vassoura); Colin Hanton (bateria) e Rod Davis (banjo e guitarra). Hanton e Davis reativaram o grupo em 1993[2]. Como toda pré-história das megabandas, o imaturo ancestral dos Beatles estava mais para diversão de adolescentes na casa dos 16, 17 anos. Antídoto contra o tédio.

Filho de Julia (Stanley) Lennon e do oficial da marinha mercante Alfred "Alf" Lennon, o *band leader* John Lennon nasceu em Liverpool a 9 de outubro de 1940. Desde cedo, John aprendeu a expressar-se criativamente em desenhos, palavras, acordes. O gosto musical, em particular, recebeu estímulos entusiásticos da mãe. Impulsiva e apaixonada, Julia presenteou John com sua primeira guitarra e encorajou-o a tocar e seguir carreira. Chegou até a ensiná-lo umas notas rudimentares no banjo. Já o pai Alf, também apreciador da boa música, abandonou a família para viver com Pauline Jones, enquanto Julia levantou e sacudiu a poeira com John "Bobby" Dykins, encarando os dissabores sociais de uma "relação amoral" às vistas conservadoras[3]. Após um rompante de paizão protetor, Alf Lennon teve de abortar uma tentativa de levar o filho à Nova Zelândia, fugindo pela cidade litorânea de Blackpool.

A despeito do afeto compreensivo de mãe, e dos eventuais planos mirabolantes do pai, John viveu desde a separação dos pais na casa da irmã de Julia, Mary Elizabeth Smith. Tia Mimi Smith era cética em relação ao futuro do sobrinho na música. Por sinal, essa presença de mulheres fortes influenciou John em suas escolhas amorosas. Ele se casou com Cynthia Powell em 23 de agosto de 1962, aos 22 anos incompletos. Tiveram juntos

um filho, Julian, nascido em 1963. Cynthia fora sua colega no Liverpool College of Art. O matrimônio durou até 1966, quando o músico conheceu a artista japonesa Yoko Ono. Infelizmente, Julia não pode acompanhar nem os casórios, tampouco o culto ao filho. Cerca de dois anos após o surgimento do The Quarrymen, ela morreria atropelada pelo veículo de um policial aposentado, acidente ocorrido nas imediações da residência de tia Mimi. A trágica perda ocasionou um forte abalo psicológico em John, refletindo-se em seu comportamento. O músico prestaria tributo à mãe na canção "Julia", do álbum *The Beatles ou The White Album* (1968). "So I sing a song of love for Julia, Julia, Julia".

O destino do The Quarrymen – e do rock, do pop, da música popular – começou a mudar num show da banda realizado em festa patrocinada pela Igreja de Saint Peter, em Woolton, um bairro de Liverpool. Um menino canhoto batizado James Paul McCartney (18 de junho de 1942) assistiu àquela apresentação de 6 de julho de 1957. Amigo comum de John e Paul, Ivan Vaughan os fez apertarem as mãos – estava construída a ponte.

O interesse pelo *skiffle* e o rock falou alto e aproximou os garotos. Paul, que já tocava habilmente seu violão, dedilhou e cantarolou "Twenty Flight Rock", de Eddie Cochran, canção incluída na trilha sonora do filme *The Girl Can't Help It* (1956), comédia musical dirigida por Frank Tashlin, o homem por trás de filmes estrelados por Jerry Lewis e autor de esquetes para os Irmãos Marx e a atriz Lucille Ball, a inesquecível protagonista do *sitcom* da CBS *I love Lucy.* Tashlin era um diretor antenado com o rock, a ponto de ter a manha de satirizá-lo. O *soundtrack* de *The Girl…* desfilava uma verdadeira seleção de bambas "desse tal de rock'n'roll": Little Richards, Fats Domino, The Platters. Paul ainda mostraria ao líder do Quarrymen "I've Lost My Little Girl", sua primeira composição. John animou-se ali para escrever as suas. O desempenho seguro de Paul McCartney naquela audição bastou para integrá-lo ao grupo.

Paul McCartney trouxe uma pegada legal para o Quarrymen. Quem "compra" os estereótipos sobre os dois líderes dos Beatles supõe que John seja desde os tempos remotos o radical da dupla, um cara das camadas populares, e Paul o bonzinho meio abobalhado, criado à base de biscoito e leitinho pela avó. Nada disso! Se o inquieto John vinha de um lar desestruturado, com direito a divórcio e pais um tanto boêmios, a história de Paul não deixava por menos. A família McCartney (o Mc do sobrenome denuncia a procedência irlandesa) era proletária das rugas no rosto aos

sapatos gastos. A mãe de Paul, a católica Mary Patricia McCartney (Mohan), trabalhava como enfermeira no Hospital Geral de Liverpool. O pai protestante, ou melhor, agnóstico James "Jim" McCartney se virava vendendo algodão e executando pequenos serviços manuais. Jim era ainda pianista e trompetista e na mocidade exibia-se em *pubs* e salões de dança.

Assim como John, Paul sofreria o duríssimo baque da precoce morte materna. Padecendo de um câncer no seio, Mary morreu vítima de um embolismo, depois de realizar uma mastectomia, cirurgia para a retirada da mama[4]. Paul tinha 14 anos e estudava no Liverpool Institute for Boys, escola na qual conheceria o filho de Harold, um motorista de ônibus, membro do sindicato local, e da dona de casa Louise: George Harold Harrison veio ao mundo em 25 de fevereiro de 1943, numa família de linhagem parcialmente irlandesa. Os avós maternos de George viveram no condado de Wexford, na República da Irlanda. Coincidentemente, redijo este trecho deste livro no dia em que George completaria 66 anos, não tivesse sido fulminado por um câncer no pulmão em novembro de 2001.

Aos 12 anos, George comprou uma guitarra Egmond e rapidinho montou a The Rebels. Adivinha o que eles tocavam? *Skiffle*! Que dúvida, hein? O talento cru de George animou Paul a convencer John do benefício da entrada do amigo no Quarrymen. Mas John, um "homenzinho" de 17, 18 anos, relutava em aceitar aquele "pirralho" de 15. Parecia-lhe temerário. Daí Paul usou de argumentação convincente: a aceitável qualidade técnica de George. O suficiente para persuadir John. Milhas e milhas de virtuosismo sempre separaram George Harrison de, por exemplo, Eric Clapton ou Jeff Beck, mas para um conjunto de garotos ele tinha recursos de sobra.

Entre saídas e entradas, o The Quarrymen de 1957-58 apresentava-se com John Lennon, Paul McCartney, George Harrison, o pianista John Lowe (apenas em shows de 1958) e o baterista Colin Hanton. Hanton deixou a banda em 1959, dando início a um período de rodízio nas baquetas da banda (1959-60). Johnny Hutch, Tommy Moore, Paul McCartney e outros menos cotados se revezavam na batera. Em 1960, John Lennon convocou Stuart Sutcliffe, um escocês de Edimburgo, para que assumisse a posição de baixista. Stu frequentava o Liverpool College of Art e mantinha laços de amizade e identidade artística com John, afinal o membro-fundador do conjunto[5].

Como surgiu o nome The Beatles?

A origem do nome The Beatles tem um quê de folclórico. Bandas de expressão adoram aproveitar-se de chistes, enigmas e meias verdades para alimentar mitos. Recentemente, o duo The White Stripes ouriçou os especuladores de tablóides. E aí? Jack White (vocal/ guitarra) e Meg White (bateria) seriam irmãos, amigos, namorados, casados, divorciados? Às vezes mais sedutoras que os próprios fatos, as versões fazem parte desse jogo.

Em 1958, a alcunha The Quarrymen não fazia mais qualquer sentido. O Quarry Bank School ficara para trás, uma lembrança esmaecida na mente de John. Três quartos dos integrantes fixos sequer haviam cruzado os portões daquele educandário. Era hora de mudar. Nomes bizarros foram cogitados. Johnny and the Moondogs teria sido um deles, chegando a ser utilizado em certos shows da banda, lá pelos idos de 1958, 1959. Uma dessas apresentações aconteceu no programa caça-talentos de Carroll Richard Levis na emissora BBC. O canadense Carroll Levis comandava o "The Carroll Levis Discovery Show" e os futuros Beatles arriscaram a sorte na atração televisiva. Não passaram da audição preliminar em 1957. No ano seguinte, ficaram bem longe dos louros, mas ao menos conseguiram tocar no Empire Theatre em Liverpool. Nas férias de 1958, John e Paul conceberam a dupla, de curta duração, The Nurk Twins (Os "Gêmeos" Nurk).

Descartando as diatribes oníricas e irônicas de John Lennon[6], eis a explicação corrente para esse sacadíssimo The Beatles: no princípio de 1960, eles se auto-intitulavam The Beatals, um nome aparentemente sem significação lógica, escolhido talvez pela sonoridade e depressa abandonado, ainda que a expressão beat, de batida, tenha se tornado um elemento recorrente. Para um show no Lathon Hall, em Lancashire, os rapazes optaram por Silver Beats.

A partir daí, existem duas teses difundidas sobre o nome The Beatles. Numa delas, diz-se que, ao assistirem ao filme

The Wild One (O Selvagem, 1953), dirigido pelo húngaro László Benedek, John e Paul descobriram, num diálogo entre os personagens de Lee Marvin e Marlon Brando, a gíria "beatle", possivelmente usada para designar garotas motociclistas. Propagada durante as pesquisas para o projeto multimídia Anthology, a versão é refutada porque The Wild One estaria na ocasião censurado na Inglaterra. E sem Internet e cópias piratas…

A outra tese é mais aceita e plausível. John e Stu queimavam neurônios atrás de um nome bem bacana. De repente, surge na pauta o Buddy Holly and The Crickets (Buddy Holly e Os Grilos, em português). Entabularam conversa sobre insetos e lembraram-se dos besouros, isto é, dos "beetles". Gostaram. O empresário Allan Williams havia agendado uma excursão da banda à Escócia, em parceria com o cantor Johnny Gentle, em shows programados entre os dias 20 e 28 de maio de 1960. A urgência das datas levou-os a substituir provisoriamente o Silver Beats por The Silver Beetles. Mas essa turnê-relâmpago, assegura Paul McCartney, fora um tremendo engodo, pois o agenciador Larry Parnes, manager de Gentle, teria passado uma rasteira nos caras e sumido com a grana do cachê. O cognome Silver Beetles não durou nada e caiu em junho daquele ano.

Afora os prejuízos e vigarices miúdas, as estadas na Escócia renderam histórias impagáveis. Lá no país do scotch whisky, do *kilt* e da gaita-de-fole, os rapazes de Liverpool inventaram os pseudônimos John Moondog (ou Johnny Silver), Carl Harrison, Stu Stäel e Paul Ramon. Assim eles se registravam em hotéis e eram creditados em gravações de terceiros e shows circunstanciais. Os Ramones, grupo punk rock criado em 1974 no bairro do Queens, em Nova York, bolaram seu nome a partir do Ramon de Paul McCartney. A brincadeira se estendeu ao "sobrenome" adotado pelos integrantes: Mark Ramone, Joey Ramone, Johnny Ramone e por aí vai.

A transição de Silver Beetles para Silver Beatles não tardou. O "beatle" mistura à palavra "beetle" o termo "beat",

além de remeter aos beatniks, alcunha dos literatos da Geração Beat. Acontece que há uma divergência sobre quem teria feito a sugestão. Segundo relato de Paul, John apreciou o som forte e direto emitido por The Beetles, mas Paul pretendia ajustá-lo e lançou a ideia: "Por que não Beatles?", explicando-lhe em seguida o sagaz trocadilho. Para Cynthia Lennon, John fora o autor do neologismo, pensado e repensado no pub Renshaw Hall.

Quem vai saber, não é?

Líder do Cass and the Casanovas, o conterrâneo Cass sugeriu-lhes Long John and the Silver Beatles, homenagem ao Long John Silver, de A ilha do tesouro (1883), livro de Robert Louis Stevenson. A predominância de John no pitaco de Cass tem a ver com dois aspectos: 1) John Lennon era o "pai" do The Quarrymen e 2) nos anos 1950 e 1960 proliferavam os conjuntos "Fulano and the…". John agradeceu, mas não aceitou. A assinatura Silver Beatles perdurou por uns dois meses. Depois, contra a vontade de Allan Williams, prevaleceu o The Beatles. E como The Beatles embarcaram para a temporada em Hamburgo, na Alemanha.

AS AVENTURAS DOS BEATLES EM HAMBURGO

Localizada às margens do rio Elba, a cidade germânica de Hamburgo serviu de cenário para a maturidade musical, estratégica e mercadológica dos Beatles. Naquele final de agosto de 1960, os Beatles desembarcaram com cinco membros. Exbaterista do The Blackjacks, Peter Best assumira a cadeira de baterista às vésperas da viagem. Os Blackjacks eram literalmente a "banda da casa" do The Casbah Coffee Club. A boate/*pub* pertencia a Mona "Mo" Best, mãe de Pete, e funcionava na residência deles.

Com o cancelamento de um show no Grosvenor Ballroom, clube no qual tocavam aos sábados, na Big Beats Nights, os Beatles resolveram esticar a noite de 6 de agosto no Casbah. O Quarrymen era *habituê* daquele palco. Lá ficaram encantados com a reluzente bateria Premier "Blue Pearl" de Pete e nem ligaram para a limitação técnica do rapaz. Paul despediu-se da batera dos Beatles (na maioria dos concertos a "bucha" sobrava para ele), pegou sua guitarra Rosetti Solid-7 comprada a prazo na Hessy's e a banda se ajeitou com uma dose tripla de guitarristas. Na "cozinha sonora", o contrabaixista Stu e o baterista Pete:

Veja a Tabela.

O tour por Hamburgo fora acertado pelo *booking agent* Allan Williams. Williams sabia do interesse dos alemães em receber bandas britânicas, especialmente as de Liverpool, desde que elas se submetessem a cachês mirrados e palcos obscuros. As condições precárias não impediam o fluxo constante de grupos entre as importantes cidades portuárias (Hamburgo possui um dos maiores portos da Europa, atrás de Roterdã). Bruno Koschmeider, dono da decadente boate Indra Club, topou colocar a terceira opção de Williams, os Beatles, em sua programação. A proposta era de que eles tocassem por seis, sete horas, todas as noites, no espaço de dois a três meses. Uma maratona capaz de fazer sangrar dedos e estourar cordas vocais.

O pai de Paul McCartney, Jim, relutou em autorizar a ida do filho para fora do país. Temia que ele se atrasasse nos estudos. Jim só aceitou a viagem quando checou o contrato dos garotos. O valor que Paul receberia por dia suplantava o minguado ordenado do patriarca. Bateu o martelo.

O périplo de Liverpool a Hamburgo teve lances espetaculares e anedóticos. Williams reuniu os cinco rapazes, a esposa Beryl, o cunhado Barry, o sócio Woodbine e o intérprete George Steiner e amontoou-os na van da família. Seguiram para o ferryboat para atravessar o Canal da Mancha. No percurso driblaram fiscais ingleses e holandeses, pois os membros da banda não possuíam vistos de trabalho e precisavam ser caracterizados como estudantes ou turistas. Não se sabe bem como Williams convenceu a fiscalização alfandegária a embarcar, desembarcar e liberar um veículo lotado de guitarras, bumbos, pratos, baixo, amplificadores. Mistério! A escala na Holanda mereceu uma visita ao memorial aos mortos das Forças Aliadas, em Arnhem, e furtos a lojas de departamento em Amsterdam, um hábito cultivado por John no comércio de Liverpool. Muitas cuecas, meias e camisas expostas na Mark & Spencer foram parar em suas gavetas. Reza a lenda que a harmônica de "Love me Do" fora surrupiada na capital holandesa.

A 17 de agosto de 1960, o staff dos Beatles pisou em solo alemão.

Brigas, privações, encontros, desencontros, festas, prisões, deportações e experiências alucinantes com álcool e drogas marcaram essa passagem por Hamburgo. Os cinco músicos ficaram alojados numa biboca fétida, situada em Reeperbahn, lugar de péssima reputação, um notório reduto de prostitutas, michês e gangues. O Indra Club estava instalado na rua Grosse Freiheit, o epicentro dos inferninhos. Nos comentários, o quarto dos Beatles tinha a aparência de masmorra, lúgubre até as paredes descascadas. Não havia janelas e frestas para luz, apenas beliches amontoados no cubículo nos fundos do cinema Bambi Kino. O bairro de Reeperbahn, diga-se, foi recuperado ao longo dos anos e o antigo prédio do Bambi Kino hoje ostenta um simpático conjunto de apartamentos.

Durante as noitadas no Indra Club, as canções executadas pelos Beatles atendiam ao gosto dos parcos clientes e convivas. Os rocks e baladas *made in USA*, sucesso nas rádios e nos filmes, exigiam fôlego, paciência e boa memória dos rapazes para preencher horas e horas de hot hits. A sequência de shows revelou as divisões na banda. Paul McCartney desprezava o mediano baixista Stu e forçava sua saída. John, ao contrário, insistia em sua permanência, mais por vínculos afetivos do que por competência. Mas Paul e John nem precisaram se engalfinhar para decidir a parada. Antes disso, Stu tomou a flechada do diligente e providencial cupido.

STU E SUA "BRIGITTE BARDOT"

Quando o calendário estampou a folhinha de setembro, os Beatles conheceram a belíssima e descolada fotógrafa Astrid Kirchherr. Segundo John Lennon, Astrid era a "Brigitte Bardot alemã". (Menos, John, menos). A loira namorava o artista plástico Klaus Voormann e o casal se mostrava fã da banda. Eles acompanhavam regularmente os shows. Curtiam o ritmo. Mas aí, para azar de Klaus, aconteceu o inevitável nessas situações: Astrid se apaixonou por um dos integrantes, justamente o controverso Stu. Quem vê as fotos de Astrid entende porque Stu ficou todo xarope e caidinho de amores. Enfeitiçado, o baixista foi se desligando do grupo, se desinteressando das atividades musicais. Em breve sairia definitivamente dos Beatles.

Só por ter contribuído para o afastamento amigável de Stu dos Beatles, sem a saia-justa de uma demissão traumática, Astrid Kirchherr mereceria um lugarzinho de honra na história da Beatlemania. Mas Astrid atacou de consultora de moda, tipo *personal stylist*, tornando-se a responsável pelo inconfundível visual da banda, principalmente do corte de cabelo *moptop*, aquele das franjas penteadas para frente. Ela ainda bateu diversas fotos dos Beatles e sua turma em ação pelas casas noturnas de Hamburgo. Trata-se de um valioso acervo fotográfico.

Quanto a Stuart Sutcliffe, ele finalmente resolveu investir em sua autêntica vocação artística. Stu tornou-se um promissor pintor expressionista, tributário de Jackson Pollock e dos demais expressionistas abstratos estadunidenses. Contudo, a trajetória de Stu seria abreviada em 10 de abril de 1962. Uma hemorragia cerebral ceifou a vida do ex-"quinto beatle". A sua morte esquenta polêmicas, atiçadas por historiadores e biógrafos sensacionalistas. A hemorragia seria sequela de um briga com John Lennon, conforme teoriza Albert Goldman na ruidosa biografia *The Lives of John Lennon* (1988)? Sucessivas pancadarias de bar? Um aneurisma não-diagnosticado?

Versões, versões, versões…

Com o acanhado Indra Club interditado por perturbação à ordem, os Beatles pegaram seus instrumentos e se transferiram para o *night club* Kaiserkeller, em St. Pauli, um distrito nas proximidades de Reeperbahn. O Kaiserkeller também era propriedade do "empresário da noite" Bruno Koschmeider, e "para variar" abrigava espetáculos de outra banda

emergente de Liverpool, o Rory Storn and the Hurricanes, cujo baterista-figuraça-canhoto-tocando-como-destro atendia pelo estranhíssimo apelido de Ringo Starr.

Criado pela mãe, Elsie Starkey, e o padrasto Harry Graves, Richard Starkey Jr. (7 de julho de 1940) sofreu horrores na infância e adolescência. Aos 6 anos de idade, teve uma crise de apendicite. O quadro clínico evoluiu para peritonite (inflamação no peritônio, a membrana da cavidade abdominal), e Ringo precisou submeter-se a duas intervenções cirúrgicas; estado de coma; e um ano inteirinho de recuperação. A saúde fragilizada voltou a atormentá-lo aos 13 anos. Atacado por uma enfermidade nos pulmões (pleurisia), permaneceu cerca de dois anos entre exames e internações no hospital local. Tudo isso, é claro, retardou seu aprendizado na escola, mas o drama de Ringo foi superado à base de trabalho duro e "terapia percussiva".

Ringo Starr – adivinha, leitor? – curtia *skiffle* e se aventurava nas baquetas. Montou com o vizinho Eddie Miles o The Eddie Clayton Skiffle Group*,* de existência efêmera. Ao conhecer o agitado Alan Caldwell, também conhecido como Rory Storm, entrou para o Raving Texans*,* antigo nome do Rory Storm and the Hurricanes. Rory gozava do número excessivo de anéis (*rings*) de seu animado e voluntarioso baterista e a brincadeira pegou: Richard virou Ringo. Ringo Starr.

Em princípio, Ringo Starr não se envolveu seriamente com os Beatles. O baterista titular continuava a ser Pete Best. Mas a vontade ficou em suspenso nas conversas e murmurinhos. John, Paul, George e Stu achavam Pete um sujeito intratável, desentrosado do ponto de vista pessoal e musical. A batata dele começou a assar. E Ringo caía feito luva no projeto.

Sequer houve tempo para trocas e decisões naquele giro por Hamburgo. A banda foi se desintegrando forçosamente, em face de encrencas e enroscos com a justiça alemã. George Harrison rodou em novembro, deportado por mentir sua idade às autoridades. Agentes da polícia o escoltaram até a estação de trem. Em dezembro, um incêndio no dormitório da banda bastou para Paul e Pete serem "convidados" a deixar o país. Sem a grana e os amigos, não restou alternativa a John a não ser regressar à cidade natal. Os Beatles encerraram o ano de 1960 apresentando-se no The Casbah Coffee Club. Já sem Stu. Ainda com Pete.

Hamburgo voltou à agenda dos Beatles em abril de 1961. Tarimbados, amadurecidos e melhor organizados, eles foram contratados para uma

temporada trimestral no Top Ten Club de Peter Eckhorn. A segunda experiência alemã revelou o salto qualitativo da banda, cada vez mais segura no palco, e ressaltou as diferenças entre Pete Best e os demais integrantes.

O cantor inglês Tony Sheridan, outra atração do Top Ten, costumava recrutar músicos para servir-lhe de banda de apoio. Numa das noitadas musicais, os Beatles foram escalados por Tony e não decepcionaram o "patrão". A afinidade e o respeito eram tamanhos que Paul McCartney se referia ao cantor pelo epíteto "O professor". O namoro no clube hamburguês terminou em casório no estúdio. Berthold "Bert" Kaempfert, maestro alemão e executivo da Polydor Records, gostou daquela tabelinha e ofereceu-lhes a oportunidade de gravarem um disco. Craque da melodia, Bert Kaempfert entendia do riscado. Ele compôs as clássicas "Strangers in the Night" (eternizada por Frank Sinatra), "The Voice" e "Spanish Eyes" (gravada por Elvis Presley, o "Rei do Rock").

Nos dias 22 e 23 de junho de 1961, Tony Sheridan e os Beatles entraram no estúdio Friedrich-Ebert-Halle, em Hamburgo, para registrar algumas faixas, dentre elas a contagiante "My Bonnie", tradicional folk escocês repaginada em rock'n'roll por Sheridan. Os Beatles gravariam duas canções sozinhos: "Ain't the Sweet", escrita em 1927 por Ager e Yellen e cantada por John Lennon, e a instrumental "Cry for a Shadow". Nos créditos, nada de Beatles e sim The Beat Brothers: John, Paul, George e Pete. O álbum *My Bonnie* (1962) foi adiante renomeado e reorganizado, por razões auto-explicativas, para *Tony Sheridan with The Beatles* ou *The Beatles feat. Tony Sheridan.* Vendeu às baciadas. Ganhou disco de ouro. A potência sonora de *My Bonnie* aguçou a curiosidade do meio fonográfico.

Paralelamente às viagens à Alemanha, os Beatles tocavam no The Cavern Club, um clube de Liverpool frequentado por marinheiros e operários. Existem relatos de até 294 shows dos Beatles no Cavern Club entre dezembro de 1960 e agosto de 1963 – a estatística aguarda uma checagem de consistência e veracidade. No "templo sagrado" da Beatlemania, o empresário Brian Epstein, dono da loja de discos North End Music Stores, na Great Charlotte Street, assistiu ao concerto da banda de apoio de *My Bonnie.* O que, afinal, teria trazido Epstein ao Cavern Club naquele 6 de novembro de 1961? A empolgação de um cliente da NEMS? Um artigo de Bill Harry na Mersey Beat, revista para a qual Epstein colaborava? (Versões, versões, versões…) O importante, neste caso, foi a astúcia de

Epstein, que a 10 de dezembro lançou a proposta – aceita! – de empresariá-los. Epstein e os Beatles celebraram o contrato em 24 de janeiro de 1962. Epstein rubricou o contrato apenas em 1º de outubro de 1962, tão logo fechou com a Parlophone/EMI[7].

Em 1962, os Beatles retornaram a Hamburgo para uma terceira e derradeira temporada. Na iminência do estouro, negociando com a EMI, souberam da morte repentina do amigo e ex-baixista Stuart Sutcliffe e "mandaram ver" de 13 de abril a 31 de maio no Star Club.

ENFIM, O CONTRATO (E UM NOVO BATERISTA!)

Apesar da presença do obstinado Epstein no circuito, os Beatles andavam desanimados em meados de 1962. A carreira deles parecia estagnada na manjada ponte Liverpool-Hamburgo, por onde tantas bandas britânicas passaram em vão. Abalados pelo falecimento de Stu, cumpriam prazos e compromissos no piloto automático. Epstein, por sua vez, usava sua posição de comerciante do ramo para tentar persuadir as gravadoras a ouvir sua preciosa aposta. Dick Rowe, executivo da Decca Records, especializada em jazz e clássico, desdenhou dos Beatles. "*Guitar groups are on their way out, Mr. Epstein*", decretou Rowe. Detalhe 1: a Decca é um dos selos da Polydor desde a época de Tony Sheridan e The Beat Brothers. Detalhe 2: a Decca é atualmente subsidiária da Universal Music Group, rival da EMI. Arrependido, Rowe "queimou a língua" e, para consertar o estrago, contratou os Rolling Stones, seguindo conselho de… George Harrison.

Em artigo para a revista *Cult*, o tradutor e beatlemaníaco Paulo Migliacci relata que Rowe carrega um fardo injusto. De acordo com Migliacci,

"A lenda é de que ele [Dick Rowe] teria se justificado dizendo que 'bandas com guitarra estão fora de moda'. Não é bem verdade. Mike Smith, um de seus assistentes, é que assistiu ao teste. Hesitando entre os Beatles e Brian Poole and the Tremeloes, Smith recomendou os dois. Rowe disse que só tinha verba para um grupo. Os Beatles, de Liverpool, foram cortados em favor dos londrinos Tremeloes. Mancada histórica? Talvez. Mas quem poderia prever que aqueles meninos que tocaram 'September in the rain' (popularizada por Sinatra) e o bolero 'Besame Mucho' no teste se tornariam um fenômeno?"[8]

O empresário dos Beatles bateu em seguida à porta de Ron White, executivo de marketing da EMI. Sem opinião formada, White procurou três conceituados produtores da casa: Norrie Paramor, Walter Ridley e Norman Newell. Os três se negaram a produzir aquele "modismo". Faltava falar com George Martin, o homem forte do selo Parlophone, que se encontrava de férias[9]. Fosse Epstein menos empreendedor, a história dos Beatles se encerraria ali, naquele festival de negativas. Nãos, nãos, nãos e nãos

aniquilam a auto-estima e minam a resistência. Mas ele pegou as demotapes da banda, correu à rua Oxford, em Londres, endereço da loja e gravadora His Master's Voice (HMV) e converteu o material bruto em disco. O produtor da HMV, Jim Foy, aprovou o som dos caras e pediu a Epstein que não desistisse de procurar Martin.

O empresário aguardou pacientemente o retorno de Martin e marcou uma reunião. Martin concordou em ouvi-los. O produtor não se impressionou muito com a audição dos Beatles, mas achou que valia a pena para a Parlophone firmar contrato de um ano, com cláusula de renovação.

Parlophone, a casa do *britpop*

A Parlophone Records é uma das gravadoras mais antigas em funcionamento. Ela surgiu na Alemanha em 1896, por iniciativa de Carl Lindström, inventor e empreendedor sueco radicado em Berlim. Dezenove anos antes, Thomas Alva Edison desenvolvia o fonógrafo, engenhoca de cilindro revestido em papel alumínio no qual gravou o sussurro "Mary had a litle lamb" (*Maria tinha um carneirinho*, em português), verso de uma música infantil homônima.

Ao cabo da Primeira Guerra Mundial, a Parlophone foi adquirida e passou para a holding da gigante inglesa EMI. Quando George Martin deu seu aval para os Beatles e eles "fizeram a América e o mundo", a Parlophone erigiu sua "aura cult". Em seu catálogo encontramos a nata do pop/rock britânico, o *britpop:* o duo de pop eletrônico Pet Shop Boys, Coldplay, The Verve, Blur, Radiohead, Interpol, Babyshambles (do ex-Libertines Pete Doherty) e os islandeses do Sigur Rós.

A ausência? O Oasis dos irmãos Noel e Liam Gallagher, distribuídos pela Sony/BMG.

Os Beatles já arrastavam consigo um sequitozinho de fãs. Poucos diante dos milhões pós-1963, mas barulhentos e atuantes. E eles (sobretudo elas) admiravam Pete Best, que para George Martin não passava de um baterista, vá lá, de médio para ruim, desprovido de maior técnica e vigor. Estava

armado o rolo. Diante do impasse nesse mal-estar banda *versus* público, Epstein e Martin decidiram por uma solução mediada e provisória. A Parlophone contrataria um músico de estúdio para as gravações e Pete continuaria a participar dos shows. Aproveitando-se da deixa, John, Paul e George avalizaram a sentença de Martin e solicitaram a Epstein a demissão de Pete. O anúncio da degola ocorreu em 16 de agosto de 1962, no escritório do empresário. O trio, inclusive, tinha dois bateristas engatilhados: Johnny Hutch, que declinou do convite por ser chapa de Pete Best, e Ringo Starr, contratado em 19 de agosto. Um desconforto inevitável. Na versão de "Love Me Do" contida no *Anthology 1*, gravada em 6 de junho de 1962, o baterista é Pete Best.

Na estreia da nova e definitiva formação, no Cavern Club, o público explodiu em apupos e hostilidades, recebendo os Beatles e o calouro Ringo em coro uníssono: "Pete, Forever. Ringo, Never!" (*Pete, Sempre. Ringo, Nunca!*, em português). Encontravam-se todos bastante "sensibilizados" pela saída do músico amigo e galã. Sinal de alerta: os Beatles precisavam urgentemente sair do círculo vicioso Cavern Club-The Casbah Coffe-Hamburgo.

O pessoal talvez estivesse mal informado. Ringo Starr participou da primeira gravação em estúdio da banda, realizada em Hamburgo no Akustik Studios. No dia 15 de outubro de 1960, Allan Williams convocou a Rory Storm and the Hurricanes, de Ringo, e os Beatles para executar três canções na voz de Lu Walter, afinadíssima backing vocal dos Hurricanes. "Fever" e "September Song" foram tocadas pelos Hurricanes, ao passo que "Summertime" prenunciava os Beatles dali a dois anos. Lu Walter cantou acompanhada de John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr, substituto do ausente Pete Best.

Viu só? A implicância com Ringo vem de longe. Público e crítica relutam em colocá-lo no mesmo patamar de John, Paul e George. Nem o "mui amigo" John Lennon perdoava: "Ele nem é o melhor baterista dos Beatles", sacaneava. No máximo, no máximo, o desempenho de Ringo na batera recebe o certificado de "correto". A resistência pró-Ringo conta com o auxílio luxuoso de Stewart Copeland, ex-Police, e João Barone, dos Paralamas do Sucesso, ambos seguramente entre os 15, 20 melhores bateristas de rock do mundo. Em entrevista para o *International Magazine*, fanzine brasileiro editado por Marcelo Froes e Marcos Petrillo nos anos 1990, Barone elege Ringo o "mestre da simplicidade" e completa:

"O Ringo tem certa fama, muita gente não consegue reconhecê-lo como um grande baterista. Parece que alguém soprou isso ao vento e ninguém teve a lucidez de dizer: 'pô, pelo amor de Deus, cara! Como é que pode falar que o Ringo não é um bom baterista! Isso é um absurdo!"[10]

O preconceito infundado em relação a Ringo foi vencido lentamente. A revista britânica Rhythm, bíblia dos bateristas e com fama de metaleira, elencou-o entre os dez "bateristas mais influentes" do rock. Com Ringo nas baquetas, os Beatles adentraram o Abbey Road e, sob a batuta experiente de George Martin, deram vazão a todo o talento. Mas essa é outra parte da história. Contada no próximo capítulo.

Quem foi o verdadeiro "quinto Beatle?"

Quatro candidatos "disputam" o troféu de "Quinto Beatle". A honraria equivale a um *status* de alta nobreza na corte da música pop. Retratados no longa-metragem de Ian Softley *Backbeat: os cinco rapazes de Liverpool* (1994), o baixista Stuart "Stu" Sutcliffe e o baterista Peter "Pete" Best teoricamente largariam na dianteira. O mote de *Backbeat* é o angustiante dilema de Stu sobre seguir nos Beatles ou investir nas suas verdadeiras paixões, a pintura e Astrid. Ponto para Stu. E Pete Best integrou a banda até os 44 minutos do segundo tempo. Contra-ataque de Pete.

Na opinião de muitos pesquisadores e beatlemaníacos (com os quais faço coro, assino embaixo, autentico, reconheço firma e dou fé), nem um, nem outro. O "Quinto Beatle", perdoe-me a gramática capenga, são dois. Um na arena gerencial e outro na produção dos discos: Brian Epstein e George Martin. Por quê? Porque os Beatles não seriam Beatles sem eles.

O empresário Brian Epstein manteve-se fiel aos Beatles e não era dado a picaretagens. Incansável trabalhador, botou óleo na engrenagem e os fez a "maior banda do universo". Epstein amealhou fortuna e alavancou sua carreira de empreendedor da indústria fonográfica, mas sua relação com

os Beatles ia além dos negócios e do saldo bancário. Tratava-se de um projeto maior no qual depositou suas fichas e transpirou seu suor na camisa.

Homossexual discretíssimo, dizem os biógrafos que ele guardava uma paixão por John Lennon. Houve rumores, sempre negados por John, de um relacionamento amoroso pelos idos de 1963. Epstein viciou-se em anfetaminas, maconha e LSD e padecia de insônia. Morreu a 27 de agosto de 1967, aos 32 anos, por overdose de comprimidos de Carbitol – "acidental", segundo os laudos médicos. O Carbitol é um remédio para combater a insônia. Na ocasião, os Beatles meditavam em Bangor, norte do País de Gales, sob a regência do inefável "guru espiritual" Mararishi Mahesh Yogi, o pai da Meditação Transcedental. Recomendado por Mick Jagger a John e Yoko, o agente dos Rolling Stones Allen Klein substituiu Brian Epstein no gerenciamento de carreira dos Beatles. Sua conduta enfurecia a Paul McCartney. O processo de Paul para dissolver contratualmente os Beatles, em dezembro de 1970, tinha a intenção de desmascará-lo e pular fora da canoa furada. Na folha corrida de Allen Klein, condenações por sonegação de impostos, evasão de divisas e delitos fiscais. Mas a atitude refratária de Paul não foi, em princípio, compreendida pelos companheiros. Klein cuidou de assuntos de John Lennon e socorreu George Harrison quando o guitarrista, já em vôo solo, foi acusado de plágio em "My Sweet Lord". Parecia um homem honrado, defensor intransigente dos interesses da banda. Jagger, John, George, Ringo, todos se arrependeriam amargamente da lambança.

George Martin também merece o título de "Quinto Beatle". Martin extraiu o melhor de cada beatle, minimizou limitações à base de arranjos geniais e produção exaustiva e foi um quinto músico da banda. E não raro o mais fértil e criativo. A iluminada junção da música popular com a erudita, concebida por Paul McCartney e representada no quarteto de cordas de "Eleanor Rigby", só se concretizou graças a George Martin, o autor dos arranjos inspirados na

trilha do filme *Fahrenheit 451*, do cineasta francês François Truffaut.

---

1 O Quarry Bank School foi fundado em 1922, na Hartill Road, Liverpool. O site The Beatles Story informa que o primeiro diretor do Quarry Bank se chamava George Harrison (http://beatlesstory.com/wiki/ow.asp?QuarryBank). Na década de 1960, o nome do educandário mudou para Quarry Bank Comprehensive School e, por fim, Calderstones School, após unir-se ao vizinho Calder High School, instituição de ensino para meninas.

2 Rod Davis e Colin Hanton incorporaram ao "reformado" The Quarrymen o piano de John Duff Lowe – Lowe tocara na banda em 1958. O baixo *tea chest* de Len Garry complementa o som.

3 Nas longas ausências do marinheiro Alf, sobretudo durante a Segunda Guerra Mundial, Julia saía para dançar nos salões de Liverpool. Numa dessas noites, teria conhecido o soldado galês "Tiffy" Williams, lotado na base de Mossley Hill ("galês" é o gentílico para nascidos no País de Gales, país integrante do Reino Unido). Fruto dessa relação, Victoria Elizabeth seria levada à adoção. A familia Stanley reprovava aquele "caso extraconjugal".

4 Na biografia autorizada *Many Years from Now*, Paul McCartney esclarece que o verso "Mother Mary comes to me/ Speaking words of wisdom, let it be" ("Mãe Mary vem até mim/ Falando palavras de sabedoria/Deixa estar"), de "Let it Be", resulta de um sonho com sua mãe.

5 O caráter informal e a alta rotatividade de integrantes de um grupo em gestação impede um levantamento cronológico irretocável. As datas estão sujeitas às imprecisões de memória dos envolvidos.

6 John Lennon descreveu, em artigo debochado para a revista inglesa *Mersey Beat*, um homem a bordo de uma "torta flamejante" que lhe anunciava, resoluto: "Vocês serão os Beatles com A". O periódico era editado por Bill Harry, colega de John e Stu no Liverpool College of Art.

7 Cf. "Contrato dos Beatles com Brian Epstein é leiloado por 240 mil libras". Agência EFE, reproduzido em 4 set. 2008, às 19:36 min, pelo Portal IG.

8 MIGLIACCI, Paulo. *Revista Cult*, ed. jan/2003, p. 44

9 George Martin produzia os disquinhos do The Goon Show, o programa humorístico da rádio BBC que catapultou o ator Peter Sellers às telas de cinema. Eterno Inspetor Jacques Clouseau de *A Pantera Cor-de-rosa*, Sellers é uma das referências pop dos Beatles.

10 Ver. FROES, Marcelo; PETRILLO, Marcos. *Entrevistas: International Magazine*. Gryphus, 1997, p. 203 A entrevista de João Barone foi publicada originalmente na edição de 6 mar. 1996 do periódico.

II
A consagração da Beatlemania (1962-1966)

O par de coletâneas lançado em abril de 1973 pelo selo Apple Records e distribuído pela EMI revela: a trajetória dos Beatles pode, sim, ser dividida em duas fases. Separados havia três anos, John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr participaram ativamente do processo de seleção e desenvolvimento gráfico, fonográfico e comercial dos produtos. No ano anterior, surgira no mercado o *the best of*... pirata The Beatles – Alpha Ômega, bootleg prontamente contra-atacado pela tríplice aliança The Beatles-Apple Corps-EMI. Ao estabelecerem as condições de produção das compilações – ausência de covers[1], cisão cronológica etc. –, os integrantes da banda atestaram a própria mudança de rumo.

Os LPs (reeditados na década de 1990 em dois CDs duplos) distinguiam-se pelas cores predominantes. O *Álbum Vermelho* corresponde ao período de 1962 a 1966; o *Azul* vai de 1967 até a dissolução do grupo em 1970. A ânsia de mostrarem essa marcação de tempo se materializa nas fotos de capa, ambas clicadas nas escadarias do edifício EMI House. Do 1º andar do prédio, o fotógrafo Angus McBean capturou a célebre foto dos Beatles em fevereiro de 1963. Estrelas em ascensão, o hit "Love me Do" bombando nas rádios, às vésperas do lançamento de *Please please me,* lá estão os garotos de Liverpool, sorridentes, com seus terninhos & franjinhas. Repetiram a pose em 1969, devidamente sagrados os maiorais do planeta. Nessa eles estão cabeludos e em trajes despojados – John ostenta uma barba admirável, Ringo e George optaram pelo bigode e Paul está de rosto lisinho e barbeado. Os meio-sorrisos flagram enfado e desgaste[2].

As duas fases evidentemente não são chapadas, estáticas e desconectadas. Na verdade, os Beatles representam, aponta o maestro e pesquisador Júlio Medaglia, a metamorfose do rock festivo e "aeróbico" dos anos 1950, início

dos 1960, para a seriedade e pretensão que marcou as viagens psicodélicas e as construções barrocas e classicistas dos progressivos em seus delírios de Bach e Mozart eletrizados[3]. Os Beatles, como o pop/rock em si, cresceram e ficaram trintões. Isso às vezes é virtude, às vezes pura tolice. Pink Floyd, Yes e Emerson, Lake & Palmer cometiam solos tão estupendos quanto intermináveis e foi preciso o minimalismo tosco e envolvente de Ramones, MC 5, New York Dolls, Sex Pistols e The Clash para equilibrar a equação roqueira.

Passível de incorreções, reducionismos e injustiças, a demarcação histórica/mitológica fica assim cristalizada: 1962-1966 reporta-nos à gestação, nascimento, explosão e, enfim, sagração da Beatlemania. E dá-lhe popzinhos deliciosamente assoviáveis, turnês e concertos arrasa-quarteirão, super-hiper-megaexposição, oportunistas e aproveitadores, roupas rasgadas e a fuga das fãs ensandecidas e histéricas. De 1966-67 em diante, a banda chutou os shows para escanteio e se enfurnou em Abbey Road para produzir, regidos por George Martin, pérolas da música popular. Fato acelerado pela súbita morte de Brian Epstein, em 1967, as insatisfações generalizadas e meia dúzia de situações desagradáveis e constrangedoras mundo afora.

Faz sentido. Tirante os pequenos furtos, as confusões, as bebedeiras, as estripulias de adolescência e a origem proletária dos membros, os Beatles mostravam-se ao público visualmente limpos e exalavam "bom-mocismo" embalado para vender. Aquela caretice moderninha agitava os jovens sem chocar em demasia os velhos. Seja como for, o rock inofensivo do Fab Four não tinha nada de anódino e descartável. Paul, especialmente, provava a cada disco ser um melodista acima da média. E a língua felina, brilhante e inconsequente de John jamais se privou das ironias e do bom combate retórico. Em suma, as canções "convencionais e certinhas" da fase inicial são iguarias finas que milhares de bandas tentaram lograr e fracassaram.

Mas havia ainda potencial a ser explorado. O entorpecente esquemão show-TV-cinema-badalação os manietava dos experimentalismos, vitais para o arejamento artístico. No álbum Rubber Soul (1965), eles ensaiaram essa guinada, e dali em diante rasgaram os terninhos, desarrumaram o cabelo e cometeram obras-primas calcadas no humor (um traço constitutivo dos Beatles), na arte de vanguarda, na música clássica e em outros temperos jogados naquele caldeirão fervilhante. Os Beatles elevaram a música pop

aos céus. E, surpresa!, continuaram melódicos como nos discos da Era moptop. Comprovando a excepcionalidade da banda.

ABBEY ROAD, 1962

Os Beatles cruzaram os portões do Abbey Road Studios em 6 de junho de 1962. Inseguros e sem um repertório coeso, eles pouco produziram de útil naquela sessão, além do mediano registro de "Love me Do" na audição do quarteto John, Paul, George e Pete Best. Voltaram ao estúdio apenas em 4 de setembro, livres do imbróglio Peter Best e com Ringo Starr na bateria. Assim como os demais beatles, Ringo chegara um tanto "verde" e intimidado, inexperiente em gravações de alto grau de profissionalismo. As sessões no Akustik Studios, em 1960, eram bastante amadoras perto do *know-how* da Parlophone/ EMI. De todo modo, eles concluíram a gravação de "Love me Do" editada na coletânea Past Masters, vol. 1 (1988) e na coletânea 1 (2000). George Martin, porém, ainda duvidava da categoria de Ringo Starr e trouxe para testes o rodado baterista escocês Andy White. White possuía "muitas horas de vôo" em estúdios e, antes e depois dos Beatles, acompanhou cantores do naipe de Frank Sinatra e Tom Jones.

Na sessão de 11 de setembro de 1962, Andy White tocou a bateria em "Love me Do" (incluída no disco *Please please me*) e "P.S. I Love You". O "aprendiz" Ringo Starr resignou-se em tocar um pandeirozinho. O batera do nariz proeminente, porém, foi creditado como tal em "Please please me" e "Ask My Why", registradas em 26 de novembro. Aprendeu rápido os macetes?

Habitualmente, o mercado anglófono envia para as lojas e rádios um ou dois discos *single* de um artista antes de pôr um álbum completo para circular. O expediente mede a receptividade dos *disc jóqueis* das rádios e, sobretudo, do público. A Parlophone prensou o compacto "Love me Do" (Lado B "P.S. I Love You"), distribuído em 5 de outubro de 1962, seguido de "Please please me"/"Ask My Why". Rockzinho de letra bobinha, "Love Me Do" atingiu rapidamente o Top 20 britânico e estabeleceu-se em dezembro entre os compactos mais vendidos segundo a respeitada medição da *Billboard*. O êxito rendeu uma aparição dos Beatles no *People and Places*, programa de variedades de uma TV local de Manchester. A data? Anota aí: 17 de outubro de 1962.

A telinha mágica realçou a graça, os trejeitos, o som e o charme da banda. A ansiedade pelo álbum de estreia aumentava, movimentado pelo interesse dos ouvintes – e pelo bolso dos investidores. Numericamente, as quatro faixas lançadas não ocupavam nem a metade de um *long-play*. Por

isso, na manhã de 11 de fevereiro de 1963, os Beatles e o produtor George Martin retomaram os trabalhos em Abbey Road. Naquele dia, ao custo de mirradas 400 libras, dez canções foram registradas em 16 horas e três sessões. Seis delas compostas por terceiros e quatro assinadas por Lennon & McCartney[4].

Martin captou e mixou o som daquela sessão numa mesa de som com dois canais, um deles destinado aos vocais e o segundo para os instrumentos. Era a tecnologia de ponta disponível em 1963, fazer o quê? Tempos heróicos aqueles (em obras posteriores, os Beatles gravariam em quatro canais). Co-fundador do Premeditando o Breque, vulgo Premê, o músico Mario Manga ressalta em depoimento à *Cult* que "qualquer computador baratinho consegue abrir atualmente 16 canais usando somente sua própria placa de som"[5].

Please please me, álbum de 14 faixas e 32m45s, saiu "do forno" da Parlophone Records/EMI para os aparelhos de som em 22 de março de 1963. E, inverso ao imaginado, os Beatles "não pegaram no breu mundial" de uma só vez. Muitíssimo bem recebido no Reino Unido, o Fab Four custou a penetrar no mercado estadunidense, o inegável objetivo dos grandes empreendimentos culturais. A Capitol Records, subsidiária da EMI nos EUA, relutou em lançar o disco por lá. Temia encalhes ou um recepção fria no país de Elvis Presley, Beach Boys e James Brown. Sequer arriscou-se com os *singles* veiculados desde o final de 1962.

"From me To You", compacto de 11 de abril de 1963 – eles produziam em escala industrial mesmo! – teve a primazia de alçá-los ao topo do pódio nas paradas britânicas. A avalanche de *singles* seguiu com "She Loves You"/"I'll Get You" e "I Want to Hold your Hand"/"This Boy". E a Capitol insistia em rechaçá-los, descrente na capacidade dos Beatles entusiasmarem a América.

As esparrelas do destino conduziram a Vee-Jay Records a adquirir os direitos e editar o "From Me To You"/"Thank You Girl" nos EUA. E o compacto de "She Loves You" parou no catálogo da Swan Records. Os contratos de cessão foram anulados por causa de supostos calotes nos *royalties*, mas ficou a hipótese de ter sido iniciativa pioneira do radialista Art Roberts, da rádio WLS de Chicago, colocar uma música dos Beatles na programação de uma emissora oficial. Se é quase impossível saber qual rádio "inaugurou" a Beatlemania nos EUA, a primeira aparição na TV tem data e programa certos. O talk show de Jack Paar exibiu, em 3 de janeiro de

1964, um vídeo de “She Loves You” gravado na Inglaterra. Mais de um mês após o segundo disco dos Fab Four, *With the Beatles*, tomar as gôndolas do Reino Unido e destronar *Please please me.*

ED SULLIVAN SHOW E BEATLEMANIA

A Capitol Records mantinha-se cética quanto à viabilidade comercial dos Beatles nos EUA. Mas Brian Epstein tratou de convencer Alan W. Livingston, presidente da gravadora – e criador do palhaço Bozo[6] – a tentar emplacá-los no país do fast-food e da Coca-Cola. Armou-se ali um marketing de generosa verba publicitária. Táticas de penetração em massa seriam intercaladas por iniciativas "menores" e pontuais. O contrato previa o lançamento do *single* "I Want to Hold Your Hand" e uma aparição no prestigiadíssimo e popularíssimo The Ed Sullivan Show, carro-chefe do canal Columbia Broadcasting System (CBS). O Toque de Midas do apresentador Ed Sullivan transformava promessas da música em realidades majestosas. Elvis deitou e rolou naquele palco.

Para começar, o telejornal *Evening News* da CBS pôs no ar um minidocumentário sobre o furor da Beatlemania no Reino Unido. Os diretores da CBS marcaram a exibição da reportagem de cinco minutos para o *Morning News* de 22 de novembro de 1963, mas o assassinato do presidente dos EUA, o democrata John Fitzgerald Kennedy, mudou os planos do canal. Alvejado por dois disparos durante carreata presidencial na Praça Dealey, em Dallas, JFK tombou por volta das 12h30min, causando perplexidade e comoção nacional. A cobertura do incidente funesto abafou momentaneamente as aspirações dos Beatles.

As execuções sucessivas de "I Want to Hold Your Hand" nas rádios de Washington e Nova York, pela ordem os centros político e econômico-cultural do país, ratificaram que os Beatles estavam habilitados para "fazer a América". O *single* voou para o topo das mais pedidas e vendeu cerca de um milhão de cópias. Na virada de 1963 para 1964, o *yeah, yeah, yeah* daqueles quatro músicos de Liverpool amainava a dor de uma nação enlutada pelo traumático passamento de uma liderança jovial, moderna e identificada à luta pelos direitos civis. Excluídas as facções reacionárias e segregacionistas, os estadunidenses sentiram na alma os estampidos dolorosos dos anos 1960: JFK (1962); seu irmão e senador Robert "Bobby" Kennedy (1968); e os baluartes do movimento negro Malcom X (1965) e Martin Luther King (1968). Transcorridos 40 anos do assassinato de Dr. King, a eleição de Barack Obama à Casa Branca coroou a luta desses homens.

Entre tiros e passeatas, os EUA esperavam, ansiosos e esperançosos, a visita dos Beatles. Epstein e os executivos da Capitol sentaram-se à mesa para orquestrar a turnê. Milhares de cartazes com a promessa “Os Beatles vem aí” foram fixados de Norte a Sul; rádios e críticos de música receberam os discos da banda; transeuntes apanhavam nas esquinas tablóides sobre a trajetória meteórica do Fab Four. Alarido, burburinho, expectativa.

O circo se armara. Faltava anunciar ao respeitável público atração.

AEROPORTO JFK, MILHARES DE FÃS: SUCESSO NA AMÉRICA!

Aeroporto Heathrow, Londres, 7 de fevereiro de 1964. Os Beatles embarcam no vôo 101 da Pan American World Aways, a PanAm, sob acenos e gritos de milhares de ingleses. Finalmente eles sobrevoariam o Atlântico. Às 13h20 min daquele dia, o avião que conduzia a banda baixou o trem de pouso na pista do Aeroporto Internacional JFK, em Nova York. Eles foram recepcionados por três (quatro? cinco?) mil aficcionados, turbinados pelo estouro de *Meet the Beatles!*, disco exclusivo para o mercado norte-americano, distribuído pela Capitol Records dias antes.

Os Beatles andavam abusados, viu? Sobretudo o desaforado do John Lennon. Em show no aristocrático The Royal Variety Performance, às vistas de membros da Família Real britânica, John teria soltado a lendária e sarcástica "Para a próxima música vamos pedir a ajuda da plateia. As pessoas, que estão nos lugares baratos, aplaudam. O resto pode chacoalhar as joias". Imagine, leitor, proferir tamanha descompostura a três meses de aportar nos EUA naquele frenesi total. Não é para qualquer um, não! E não é mesmo!

Para o Ed Sullivan Show, os Beatles tiveram de ensaiar a toque de caixa. Na noite anterior à apresentação, George Harrison delirava num febrão de 39 graus. O *roadie* e produtor musical Neil Aspinall o substitui na função de passar o som e acertar os últimos detalhes. Apesar do susto, George Harrison empunhava sua guitarra nos estúdios da CBS, em Nova York, na inesquecível noite de domingo, 9 de fevereiro de 1964. Assistidos por 73 (72? 74?) milhões de telespectadores, os Beatles abriram o *set list* com "All My Loving", seguido da "She Loves You", "I Saw Her Standing There" e o hit "I Want to Hold Your Hand". "Till There Was You" encerrou a epifania. A música popular – e, reforço, a indústria fonográfica – nunca mais seria a mesma.

Rolados os créditos e desligadas as câmeras, a banda recolheu os instrumentos, rumou para a capital federal e, menos de 48 horas depois, arrebatou a plateia no Washington Coliseum. O documentário *The Beatles: The First US Visit* (1964), remasterizado em formato DVD pela EMI (2004), registra os principais momentos dessa superturnê da Beatlemania. No menu, as três aparições no Ed Sullivan Show e excertos do show em Washington. Imperdível.

Abertas as porteiras da Beatlemania na América, os empresários abarrotaram as prateleiras de discos, EP's e compactos legais, ilegais, amadores, bem elaborados, caça-níqueis, novidades e repetições. Nada disso saturava os ouvintes. Quem possuía algum material relativo ou levemente assemelhado aos Beatles, por insignificante que fosse, despachava-o para uma legião de compradores. Beatles, Beatles, Beatles, Beatles e… Beatles. E clones chinfrins dos Beatles.

A Vee-Jay Records e a Swan Records relançaram, em embalagens um tanto confusas e canastronas, as parcas gravações que adquiriram da Parlophone. A Vee-Jay, por sinal, cometeu a maior das bizarrices, o suspeitíssimo LP *The Beatles vs. The Four Seasons* ("You be the Judge and Jury")[7]. The Four Seasons era o grupo *one hit wonder* de Frank Valli (ou Frankie Valley), que em 1967 emplacaria "Can't Take My Eyes Off You", do refrãochiclete "I Love You, Baby"[8]. Esperta e ágil, o braço fonográfico da Metro-Goldwyn-Meyer (MGM) botou para circular o disco *The Beatles with Tony Sheridan & Guests,* versão para os EUA de *My Bonnie* acrescida da instrumental "Cry for a Shadow" e invertendo os protagonismos – John, Paul, George e Ringo acompanhavam Tony Sheridan, e não o contrário.

A Capitol não perdeu aquele bonde do lucro. A distribuidora dos Beatles nos EUA mandou ao mercado *Introducting... The Beatles* e *Meet the Beatles!*, aprovou a experiência e o tilintar do cobre e despejou no mercado um catálogo peculiar e exclusivo, baseado em montagens de *singles* e *hits* desvinculados da discografia oficial da banda. O único critério aceito era o da rentabilidade. Representante no Brasil da EMI, a extinta marca Odeon deleitou-se em expediente parecido nos discos *Beatlemania* (1963), *Beatles Again* (1964), *Os reis do iê-iê-iê* (na verdade, *A Hard Day's Night,* 1964) e *Beatles 65* (1965). De absoluto interesse da EMI Group, a zorra acabou em 1965, ano em que se determinou a padronização mundial do catálogo dos Beatles.

A discografia dos Beatles nos EUA

Título	**Ano**

Introducting… The Beatles	1964
Meet the Beatles!	1964
The Beatles’Second Album	1964
A Hard Day’s Night	1964
Something New	1964
The Beatles’Story	1964
Beatles’65	1964-65
The Early Beatles	1965
Beatles VI	1965
Help!	1965
Rubber Soul	1965
Yesterday and Today	1966
Revolver	1966
Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band	1967

Magical Mistery Tour	1967
The Beatles (The White Album)	1968
Yellow Submarine	1969
Abbey Road	1969
Let it Be	1970

Ritmo desvairado. Agenda doida. Os Beatles trabalhavam ininterruptamente. Tocavam dos países nórdicos à Nova Zelândia, da Holanda à Ásia. Nessas idas e vindas, a saúde frágil de Ringo Starr sinalizou o desgaste. O baterista "capotou", vencido por uma faringite das brabas que o deixou acamado de 3 a 21 de junho de 1964. Sugestão de George Martin, o baterista londrino Jimmy Nicol pode então saborear, de terninho e moptop, o gostinho de ser um beatle. Sua curta passagem rendeu grana e arte. Uma mania/bordão de Nicol inspirou a animada "Getting Better", presente em Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band de 1967. Sempre que alguém questionava o baterista temporário se estava tudo ok, ele respondia "It's Getting Better!" ("Está melhorando!").

Ringo sarou da faringite, Nicol deu adeus ao "sonho de uma noite de verão", a banda se recompôs e os meses se passaram. Shows e mais shows, discos aos montes, cerco de *groupies* e aproveitadores e uma tacada sensacional, à la Elvis: o "combo" música + cinema.

ASTROS DO CINEMA, REIS DO IÊ-IÊ-IÊ

A cena é memorável. A imagem-símbolo dos *rockstars*. John, Paul, George e Ringo saem em disparada, perseguidos por uma horda de fãs enlouquecidos. George tropeça e leva um tombaço. Os demais riem e tornam a acelerar o passo. "It's been a hard day's night!" Dirigido por Richard Lester, ex-*The Goon Show* e roteirizado por Alun Owen – um conterrâneo dos rapazes –, o filme *A Hard Day's Night* estreou na Inglaterra em 6 de julho de 1964, um mês e cinco dias antes de chegar aos cinemas dos EUA. O *rockmovie* narra o cotidiano dos Beatles e mistura comédia, realismo, drama e apelo documental, ritmado pela trilha-sonora do disco homônimo, fresquinho nas gôndolas e repleto de *hot singles*: a canção-título, "Can't Buy Me Love", "And I Love Her"…

A Hard Day's Night pintou no Brasil sob o título de *Os reis do iê-iê-iê* (em função do corinho "She Loves You yeah, yeah, yeah") e marcou a geração da Jovem Guarda do "Rei" Roberto Carlos e sua corte: o "príncipe" Ronnie Von, o "preceptor" Erasmo Carlos e a "princesa ternurinha" Wanderléa. Nas "jovens tardes de domingo" da TV Record, uma chusma de bandas (The Fevers, Os Incríveis, Renato & Seus Blue Caps, Golden Boys), cantores (Eduardo Araújo, Jerry Adriani, Ed Wilson) e cantoras (Sylvinha Araújo, Martinha) tocavam baladinhas e versões dos Beatles.

Os Beatles repetiram o vitorioso estratagema em *Help!* (1965), *Magical Mistery Tour* (1967), *Yellow Submarine* (1968) e *Let it Be* (1970). O casamento de imagem (tv e cinema) e som (discos, rádio) tornou-se o abecedário do pop, vide o advento do canal Music Television (MTV), no ar desde 1º de agosto de 1981 – a MTV Brasil surgiu de uma *joint-adventure* entre a Viacom, controladora da MTV Networks, e o Grupo Abril, e inaugurou suas transmissões em 20 de outubro de 1990, reproduzindo o videoclipe "Garota de Ipanema" de Marina Lima.

CONDECORAÇÃO, APERTOS, ESTAFA E RECESSO

Do acanhado Cavern Club aos espetáculos em arenas grandiosas. Em 15 de agosto de 1965, os Beatles protagonizaram um histórico concerto para 55 mil e 600 espectadores no William A. Shea Municipal Stadium, a casa do time de beisebol New York Mets. A "invasão britânica" capitaneada por eles merecia recompensa à altura. E ela veio. No dia 26 de setembro daquele ano, os quatro plebeus de Liverpool receberam da Rainha Elizabeth II e do primeiro-ministro Harold Wilson a Cruz de Metal, insígnia outorgada aos Membros da Ordem do Império Britânico. Isso quer dizer que passariam a ser tratados pela deferência *Sir* e agregariam ao nome de batismo o título honorífico MBE, sigla para *Member of the Order of the British Empire*. A condecoração dos Beatles – John Lennon devolverá a sua medalha, veremos adiante – desagradou aos conservadores.

Dezembro de 1965. Os "nobiliarquícos" Fab Four brindam os ouvintes com o *single* "Day Tripper" e o sexto álbum de estúdio*, Rubber Soul*, uma impressionante arremetida de qualidade e insubordinação às normas. A viajandona "Girl" simula o consumo de maconha e a balada "Im My Life" é romantismo e lirismo sem abuso de sacarina. A "doutrina" *Rubber Soul* anuncia e orienta as novas diretrizes dos Beatles, cada vez mais criativos e cerebrais. Equiparava-se, justiça seja feita, à pungente "Yesterday", o felicíssimo flerte de Paul McCartney com a música clássica do disco antecessor, *Help!*, simplesmente a canção mais regravada da história nas contas do *Guinness Book* e que escapou por um triz de se chamar – não se assuste com o mau gosto, digníssimo leitor – "Scrambled Egg" ("Ovos Mexidos"). Ufa!

Eles queriam realmente se libertar da megalomania sufocante. Mas nem a pretensa sofisticação reduziu as vendagens. Os Beatles continuavam a pontear as paradas de sucesso.

Janeiro de 1966. Os Beatles deliberaram pelo recesso. Uma pausa essencial para descansar e reorganizar planos e metas. George Harrison aproveitou para oficializar a união com a modelo e atriz Patricia Anne Boyd e embarcar para uma luade-mel nas Bahamas. Patty Boyd entortava cabeças e partia corações. George dedicou à esposa a cálida "Something". Mas a "contribuição" musical da bela Patty não parou por aí não. Amigo de George, o guitarrista Eric Clapton apaixonou-se pela musa e, dilacerado

pelo seu drama shakespeariano, exteriorizou sentimentos num batalhão de inspiradíssimas canções de amor: “Wonderful Tonight”, “Pretty Girl” e “Layla”[9]. George e Patty divorciaram-se em junho de 1977 e o caminho ficou livre para Clapton realizar seu sonho em março de 1979. Patty Boyd estava em seus braços! Na festa do matrimônio, houve uma *jam fenomenal.* O noivo trouxe ao tablado Mick Jagger, Paul McCartney, George Harrison, Ringo Starr e Ginger Baker, superbaterista do Cream, ex-banda de Clapton.

Vida louca, vida. Baladas, drogas, bebidas, mulheres. Rock‘n’roll. Beatles, Rolling Stones e cia. ilimitada promoviam estripulias homéricas. A rivalidade de aparências Beatles x Stones era um caso à parte e gerava benefícios e dividendos mútuos. Padrinhos no *mainstream* fonográfico de Mick Jagger, Keith Richards, Ron Wood, Charles Watts e Brian Jones, os Beatles presentearam os caras com “I Wanna Be Your Man” (Lennon/McCartney), a quarta faixa do Lado B de *With the Beatles.* Ah! E por falar nisso, Mick Jagger emprestou sua voz aos Beatles para os backing vocals de “Baby You’re Rich Man”, gentileza retribuída em dobro por John e Paul no compacto stoneano “We Love You”/ “Dandelion” (1967). Dúvida: Beatles ou Rolling Stones? Quer saber? As duas!

O FIM DA INOCÊNCIA

Mundo complicado o de 1966. Marcha pelos direitos civis nos EUA, Guerra Fria, corrida espacial em curso, Revolução Cultural na China maoísta. No limiar do *stress*, a paciência dos Beatles entre si, com a imprensa e o *showbusiness*, agarrava-se num fio de diplomacia e compromissos previamente acertados. O humor caústico de John desafiava o bom-senso. Ele não percebia, ou percebia até demais, o poder de sua fala articulada e incisiva. Entrevistado pela jornalista Maurren Cleave, do jornal inglês *London Evening Standard*, ele não poupou verbo: "O cristianismo vai acabar. Vai se dissipar e depois sucumbir. Nem preciso discutir isso. Estou certo, e o tempo vai provar. Atualmente somos mais populares que Jesus Cristo", afiançou John.

O discurso de John Lennon tem nuances, é complexo, inteligente. Disserta sobre o desencantamento do mundo, a secularização da sociedade moderna etc. e tal. Na Inglaterra, o depoimento não ocasionou celeumas, mas nos EUA o bicho pegou e feio. A revista *DateBook* reproduziu trechos editados da entrevista, destacando ardilosamente a frase "somos mais populares que Jesus Cristo". Pronto! Boicote nas rádios, debates nas ruas, reprimendas do Papa Paulo VI, discos e fotos dos Beatles queimados. O efeito em cadeia retornou à Europa e o ditador espanhol Francisco Franco irritou-se com aquela, na opinião corrente dos cristãos, "blasfêmia".

Para piorar o quadro, a capa de *Yesterday and Today*, décimo segundo disco dos Beatles nos EUA, chocou a tradicional família estadunidense. Os Beatles posaram vestidos com jalecos brancos, segurando bonecas e pedaços de carne. Há duas leituras para essa "provocação":

1) politizados, os Beatles enviaram uma mensagem cifrada contra a refrega no Vietnã;

2) crítica ao mutilamento da obra dos Beatles nos EUA. A ordenação e os títulos escolhidos deturpavam sentidos e destruíam a unidade dos trabalhos.

Some-se ao mal-estar um episódio desagradável nas Filipinas. O país asiático recém-caíra nas garras do ditador Ferdinando Marcos. O show de segunda-feira, 4 de julho de 1966, no Rizal Memorial Track and Football Stadium na capital Manilla transcorreu sem incidentes graves.

Na quarta-feira, a primeira-dama Imelda Marcos organizou um suntuoso rega-bofe no palácio do governo. Os Beatles não compareceram ao evento e o clima esquentou. A "ofensa às Filipinas" revoltou os populares. Epstein

explicou-lhes que não houve qualquer convite formal. O empresário não os convenceu. Prejuízos, humilhações, terror psicológico. A comitiva dos Beatles teve de desembolsar na hora os impostos alfandegários e a renda do show foi integralmente confiscada. Sob vaias e ameaças, eles caminharam em direção ao aeroporto. E decolaram, aliviados.

A 29 de agosto de 1966, os Beatles subiram ao palco instalado no Candlestick "Monster" Park, em São Francisco, na Califórnia. O estádio do San Francisco 49ers, um dos times da liga de futebol americano, abrigou o derradeiro concerto dos Fab Four para grandes plateias.

A Beatlemania escapara ao controle! Urgia a correção de rota. Urgia a reinvenção.

Datas e acontecimentos históricos – (1962-1966)

1962
17/06 – Brasil fatura a VII Copa do Mundo de futebol, realizada no Chile.
06/07 – Morre o escritor estadunidense William Falkner, prêmio Nobel de Literatura (1949).
31/07 – Proclamada a independência da Argélia, até então colônia francesa na África.
05/08 – A atriz Marilyn Monroe, musa e ícone cultural, falece em Los Angeles.
11/10 – O papa João XXIII abre os trabalhos do II Concílio Vaticano da Igreja Católica.
14 a 28/10 – Ocorre a Crise dos Mísseis em Cuba, tensão diplomática entre EUA e URSS.

1963
06/01 – Após vitória no plebiscito, o sistema presidencialista volta a vigorar no Brasil.
05/04 – Entra em funcionamento o "telefone vermelho" ligando a Casa Branca ao Kremlin.

15/08 – O ditador Alfredo Stroessner, do Partido Colorado, é "reeleito" presidente do Paraguai.
28/08 – Martin Luther King pronuncia em Washington o épico discurso *I have a dream*.
22/11 – O presidente dos EUA John F. Kennedy é assassinado em Dallas, no Texas.
22/11 – Morre o escritor inglês Aldous Huxley, autor de *Admirável Mundo Novo* (1932).

1964
31/03 (01/04) – Com o apoio de civis, golpe militar no Brasil derruba o presidente João Goulart.
26/06 – É criada no Egito a Organização para a Libertação da Palestina (OLP).
10 a 24/10 – A cidade de Tóquio, capital do Japão, sedia os XVIII Jogos Olímpicos de Verão.
12/10 – Leonid Brejnev assume o posto de secretário-geral do Partido Comunista soviético.
16/10 – O trabalhista Harold Wilson torna-se primeiroministro britânico.
10/12 – Martin Luther King é agraciado com o Prêmio Nobel da Paz.

1965
24/01 – O ex-premiê britânico *Sir* Winston Churchill morre em Londres, aos 90 anos.
21/02 – Malcom X, ativista do movimento negro, é assassinado em Nova Yorque.
09/02 – Tropa de combatentes terrestres dos EUA é enviada ao Vietnã do Sul.
22/03 – Nicolae Ceausescu assume o poder na Romênia; será deposto e morto em 1989.
19/12 – Charles de Gaulle bate François Miterrand e é reeleito presidente da França.

1966
28/06 – Junta militar depõe o presidente Arturo Umberto

Illia e governa a Argentina.
26/07 – País-sede, a Inglaterra triunfa na VIII Copa do Mundo de futebol.
01/08 – Durante a Revolução Cultural chinesa, é aprovada lei que expurga intelectuais dissidentes.
15/12 – Morre o desenhista e empreendedor Walter Elias Disney, o Walt Disney.

---

1 Lembra de Ferris Bueller (Matthew Broderick) em *Curtindo a Vida Adoidado* (1986)? Na melhor sequência do filme "campeão" da Sessão da Tarde, Bueller dança e canta ao som de "Twist and Shout", de Phil Medley e Bert Russell, na versão definitiva dos Beatles. Por ser uma *cover* (The Topnotes e The Isley Brothers a gravaram antes), ela ficou de fora da coletânea. A tesourada nas regravações cortou ainda "Please Mr. Postman" (The Marvelettes).

2 As fotografias de 1963 e 1969 aparecem no encarte dos dois álbuns.

3 Citei anteriormente este ensaio de Júlio Medaglia para a *Revista Cult* intitulado "Iê, Iê, Iê, Alegria, Alegoria".

4 Cf. Get Back.com <http://www.getback.com.br/BEATLES/discografia%20beatles/CDs/pleasepleaseme. htm>.

5 Ver MANGA, Mario. "Os Beatles, Geoff e o Corcovado". *Revista Cult* n. 65, jan.2003.

6 Cf. "Criador do palhaço Bozo, Alan Livingston morre aos 91 anos", matéria da *Associated Press* (AP) divulgada pelo *Portal G1*, da Globo (14 mar. 2009 às 17h20).

7 "Você é o juiz e o júri". No verso do LP existia um espaço em branco para o ouvinte "declarar" o vencedor.

8 Revisitada, entre outros, por Frank Sinatra, The Temptations, Gloria Gaynor, Barry Manilow, Manic Street Preachers e pelo finado ator australiano Heath Ledger, vencedor póstumo do Oscar 2009 na categoria Melhor Ator Coadjuvante, por seu Coringa de *Batman: o Cavaleiro das Trevas* (2008). Ledger canta o clássico de Valli no filme-adolescente-pipoca *10 coisas que eu odeio você* (1999).

9 Ron Wood, guitarrista dos Rolling Stones, e Patty Boyd tiveram um *affair* em 1973.

III
Obras-primas, conflitos e o fim (1967-1970)

Musicalmente, os Beatles vivenciaram seu apogeu criativo durante o período norteador deste capítulo. Todavia, o processo de maturação desse segundo e extraordinário momento deu-se entre o final de 1965 (via *Rubber Soul*, "Yesterday" e "Day Tripper") e o gradativo afastamento dos shows em decorrência dos eventos de 1966. Saturação! As reações a atitudes e declarações de membros da banda extrapolavam os limites. Endeusados no politeísmo da cultura audiovisual, os outrora quatro rapazes suburbanos e durangos de Liverpool bateram no cristianismo – e nas instituições religiosas – e desafiaram regimes autoritários. Arrumaram inimigos coléricos e adoradores fervorosos. Ossos do ofício: figuras públicas de relevo, John Lennon e Paul McCartney eram constantemente instados a opinar sobre drogas, sexo, guerra e paz, política internacional e tendiam a estarrecer os guardiões da moral puritana. Perguntas capciosas, distorções de fala, bombardeio de imagens, vigilância 24 horas, BBB – Big Brother Beatles. A perseguição de A Hard Day's Night perdera a graça. E eles não pretendiam ser uns ventríloquos de moptop.

Os Beatles emitiam sinais crescentes de mudança. A relação bipolar do grupo com a mídia, os críticos e fãs complicara-se bastante. Epítome da transição, o álbum *Revolver*, de agosto de 1966, trouxe à luz canções esmeradas e fundadas em variações rítmicas, melódicas e harmônicas refinadas, desafiadoras para os padrões viciados do pop/rock. O quarteto dobrado de cordas em "Eleanor Rigby" aproxima os universos ditos *erudito* e *popular*, para a aflição dos puristas e espanto do ouvinte médio à espera de "iê-iê-iês". E os *loops e vibratos* de "Tomorrow Never Knows" ressoavam a "experiência psicodélica" movida a LSD, aos moldes da "terapia libertária" dos psicotrópicos preconizada pelo escritor e PhD em

Psicologia Timothy Francis Leary. Ao lado de *Sgt. Pepper's* e do duplo *The Beatles* – "*The White Album"*, *Revolver* compõe a santíssima trindade de obras-primas assinadas pela parceria Beatles & George Martin.

As turbulências e polêmicas de 1966, reprocessadas em arte, escancaram as portas da fase 1967-70. Os Beatles consolidaram posições rigorosas acerca do repertório e da gestão de carreira. Reprovados pelo "bom soldado americano" Elvis Presley, por causa da oposição à campanha dos EUA no Vietnã, eles perceberam que o sonho, se não havia acabado, precisava desesperadamente de novos estímulos e perspectivas. As respostas dos integrantes a temas candentes numa época particularmente agitada em termos de ideologias, paradigmas e valores jogava água no moinho de ideias e confrontos. O pacifismo, a postura liberal, a defesa da legalização das drogas, os situava na esfera dos "progressistas", mas eles tampouco se interessavam em mandar tudo às favas, implodir o negócio Beatles para aderir a movimentos sociais e políticos revolucionários. Nem santos, nem demônios, por favor… Os labirintos do êxito popular transportaram o Fab Four para sua *trip* lisérgica, espiritualizada e estética.

Principais compositores dos Beatles, John Lennon e Paul McCartney nem sempre foram, digamos, geniais. Longe disso. Muito, muito longe. Eles tiveram de ralar. E contaram com os truques e métodos do mago de Abbey Road, George Martin. Em entrevista ao jornalista Marcelo Froes, da *International Magazine* (publicada naquele jornal em 23 ago. 1995), o eterno produtor dos Beatles reflete sobre a dupla número 1 da música popular:

"Ela [A parceria Lennon e McCartney] durou cerca de dez anos e pode-se ver a forma como se desenvolveu. Quando eu os conheci, eles não eram nem um pouco bons como compositores. Eles eram fracos! As primeiras coisas que me apresentaram eram coisas do tipo 'One After 909', 'P.S. I Love You'... 'Love me Do' era a melhorzinha, e olha que não era lá grande coisa."[1]

Observador privilegiado e um dos "arquitetos" da evolução artística dos Beatles, George Martin ressaltava o monumental ganho de qualidade, obtido canção após canção, nas composições da grife Lennon&McCartney. Grife, aliás, estabelecida e trabalhada num acordo entre os músicos. Ao

contrário dos créditos, eles compunham de maneira isolada, submetendo suas criações em estágio avançado a correções e colaborações pontuais do parceiro (veja box a seguir).

Talento e gana eles tinham desde os primórdios. Faltava aflorar a sensibilidade e apurar a técnica. Do resto cuidariam os especialistas, a saber os críticos (para o processo de canonização dos Beatles) e George Martin (que burilou ideias, maturou conceitos, escreveu arranjos, repassou dicas e informações). Embora tenha saído da Parlophone/EMI em 1965 para montar o seu projeto independente AIR Studios, Martin prosseguiu como o produtor dos Beatles. A pedido da EMI.

A grife Lennon & McCartney

Líderes incontestes dos Beatles, John Lennon e Paul McCartney sobressaíam-se na tarefa de composição e desenvolvimento das músicas do quarteto. Eles escreviam a maioria das faixas de LPs, EP's e compactos e negociaram a dobradinha marqueteira nos créditos. George Harrison e Ringo Starr, afora eventuais palpites, não se atreviam a impor suas vontades ao cartel da dupla. Em *With the Beatles* (1963), George, terceira força dos Beatles, conseguiu inserir sua "Dont'Bother Me", aumentando a participação de *Revolver* em diante. Ringo Starr assinava como Richard Starkey e colaborava menos. Da lavra de Ringo destaca-se "Octopus Garden".
O ótimo site de rock *Whiplash.net* (http://whiplash.net) creditou aos seus reais autores todas as canções atribuídas a Lennon&McCartney. Confira!

De John Lennon: "Please Please Me", "Do You Want to Know a Secret", "I Call Your Name", "Bad to Me", "I'm in Love", "Hello Little Girl", "I'll be Back", "I Feel Fine", "No Replys", "It's Only Love", "Day Tripper", "Nowergian Wood", "Whats Goes On", "Run For Your Life", "She Said, She Said", "And You Bird Can Sing", "Dr Robert", "Tomorrow Never Knows", "Lucy In The Sky With

Diamonds", "Being For The Benefit Of Mr Kite", "Good Morning", "I Am The Walrus", "Revolution", "Happiness Is a Warm Gun", "Julia", "Sex Sadie", "Because", "Across the Universe", "Everybody Got Something to Hide Except Me and My Monkey", "There's a Place", "This Boy", "All I Got to Do", "Not a Second Time", "You Can't do That", "A Hard Day's Night", "I Should Have Known Better", "I'm Happy Just to Dance With You", "Anytime at All", "I'll Cry Instead", "When I Get Home", "I'm a Loser", "I Don't Want to Spoil the Party", "Ticket to Ride", "Yes It Is", "Help!", "You Got to Hide Your Love Away", "You're Gonna Lose That Girl", "Nowhere Man', "Girl", "Rain", "I'm Only Sleeping", "Strawberry Fields Forever", "Dear Prudence", "Glass Onion", "The Continuing History of Bungalow Bill", "I'm So Tired, Yer Blues", "Cry Baby Cry", "Good Night", "The Ballad of John and Yoko", "Come Together", "I Want You", "Mean Mr. Mustard", "Polythene Pam and After", "Hey Bulldog", "Don't Let Me Down", "Sun King", "Dig a Poney" e "Dig It".

De Paul McCartney: "Love Me Do", "P.S. I Love You", "I'll Be On My Way", "All My Loving", "I'll Keep You Satisfied", "Love of the Loved", "From a Window", "Like Dreamers Do", "A World Without Love", "One and One is Two", "She's a Woman", "I'll Follow the Sun", "Yesterday", "We Can Work It Out", "Paperback Writer", "Here There and Everywhere", "Good Day Sunshine", "For no One", "Got to Get You Into My Life", "Penny Lane", "With a Little Help From My Friends", "Getting Better", "When I'm Sixty Four", "Magical Mistery Tour", "Hey Jude", "Back In The USSR", "Rocky Racoon", "Why Don't We Do It On The Road", "I Saw Her Standing Here", "Tip Of My Tongue", "Nobody I Know", "Things We Said Today", "I Don't Want to See You Again", "I'm Down", "The Night Before", "Another Girl", "Tell Me What You See", "I've Just Seen a Face", "That Means a Lote", "You Won't See Me", "I'm Looking Through You", "Sergeant Pepper's

Lonely Hearts Club Band", "Fixing a Hole", "Lovely Rita", "Hello Goodbye", "Your Mother Should Know", "The Fool on The Hill", "Step Inside Love", "Ob-la-di Ob-la-da", "Martha My Dear", "Blackbird", "I Will", "Mother Nature' Son", "Helter Skelter", "Honey Pie", "Lady Madonna", "All Together Now", "Get Back", "Let It Be", "Oh Darling", "You Never Giver Your Money", "She Came In Through The Bathroom Window", "Golden Slumbers", "Carry That Weight", "The End", "Her Majesty", "Two of Us", "On Our Way Home" e "The Long and Winding Road".

O FATOR YOKO ONO

"Yoko Ono destruiu os Beatles". Você já deve ter escutado ou lido coisa do tipo centenas de vezes, não é? Na falta de uma justificativa para o fim, ponha-o na conta de Yoko. Tal qual o Judas bíblico, a artista japonesa é malhada por supostamente "entortar" a cabeça do "emocionalmente dependente" John Lennon, jogá-lo contra Paul McCartney e semear a discórdia na sacrossanta banda de Liverpool. A boa revisão histórica pede uma análise livre de maniqueísmos.

Crise de relacionamento nunca tem mocinhos e vilões *de fato*. Demonizações e vitimismos pertencem à seara dos discursos e das acusações comuns aos ânimos exaltados. Os rasgos de amor e ódio, objetivos, pensamentos e rancores envolvidos exigem um esforço mais compreensivo e menos generalista. Nada de apontar infantilmente o dedo e berrar "Foi você!". Yoko descortinou a John um universo de virtualidades artísticas e comportamentais. E vice-versa. Isso contribuiu para precipitar o adeus dos Beatles? Sim. O quanto? A cota que lhes cabe.

Nascida a 18 de fevereiro de 1933 em Tóquio, capital do Japão, Yoko Ono vem de uma família de banqueiros abastada, ligada à estirpe imperial e dos samurais, e teve desde criança acesso às fontes de educação e ilustração. Estudou piano clássico, canto e frequentou o seleto educandário Gakushin. Por conta das atividades do pai, morou em São Francisco, Hanói, Nova Yorque e permaneceu na ponte aérea até 1952. Aos 19 anos, Yoko mudouse de mala e cuia para a maior metrópole dos EUA, matriculando-se no curso de música da Sarah Lawrence College.

Em 1956, Yoko ignorou a reprovação dos pais e casou-se com o compositor japonês Toshi Ichiyanagi. O casal logo se divorciou, desgastado por brigas e dilemas existenciais. Yoko apaixonou-se em 1961 pelo músico e produtor de cinema Anthony Cox e o caso se transformou em casório, anulado em 1963. Do romance nasceu a menina Kyoko Chan Cox.

Yoko participava ativamente dos círculos vanguardistas de Nova York. Com o compositor experimentalista John Cage e artistas locais, militou no grupo vanguardista Flexus, um núcleo aglutinador de músicos, poetas, gente das artes plásticas e visuais. A efervescência nova-iorquina de cultura, arte e pensamento era catalisada por Andy Warhol. Warhol estampava sua *pop art* no Museu de Arte Moderna de Nova Yorque (MoMa) e alargava horizontes[2].

Reputada na patota pop-cult-moderninha-alternativa de Nova Yorque, Yoko Ono expôs no ano de 1966 seu trabalho individual *Ceiling Painting* (*Yes Painting*). John Lennon, entusiasta das artes plásticas e visuais, esteve presente à mostra. Bingo! Amor à arte, amor aos valores. John financiou a próxima exposição interativa de Yoko, *Half-A-Room*. A relação artística e amorosa culminou na separação de John e Cynthia. Paul McCartney dedicou a reconfortante "Hey Jude" à amiga Cynthia e ao "sobrinho" Julian:

"Hey, Jude, don't make it bad/Take a sad song and make it better/Remember, to let her into your heart/ Then you can start, to make it better."[3]

John e Yoko casaram-se em 20 de março de 1969 e na manhã seguinte iniciaram o célebre "Bed in" pela Paz no Amsterdam Hilton. No dia 12 daquele mês, Paul deixara a solteirice pela charmosa Linda Louise Eastman, musicista e fotógrafa da *Rolling Stone Magazine*. À dulcíssima "Hey Jude" de Macca, John Lennon contrapôs o balanço *country* de "The Ballad of John and Yoko", no qual relata em tom brincalhão a estadia no hotel holandês:

"Drove from Paris to the Amsterdam Hilton/ Talking in our beds for a week/ The newspaper said 'say what're you doin' in bed?'/I said 'we only try to get us some peace'/Christ you know it ain't easy, you know how hard it can be/ The way things are going they're going to crucify me."[4]

A menção de John à crucificação ("Eles vão acabar me crucificando") indignou os cristãos. Grande novidade, hein?

John e Yoko, Paul e Linda, George e Patty, Ringo e Maureen[5]. O Quarrymen, as noitadas no Cavern Club, os apuros em Hamburgo… Passado, passado e passado! O dinheiro jorrava das torneiras desses quatro homens casados. Uma nova ordem se instaurou na dinâmica dos Beatles. Dinâmica não necessariamente salutar para a convivência entre os membros. A permanência de Yoko no estúdio, violando normas internas, irritava Paul. As animosidades se estendiam por aquela "família" ampliada. "Fulano não gosta de beltrana, que não gosta de sicrana, que detesta aquele

lá…". Picuinhas, interferências, cansaço e desejos por guinadas pessoais e coletivas. E na ausência das rédeas do falecido "administrador de conflitos" Brian Epstein… O caldo entornou.

Dessa tensão múltipla entre vários atores intelectualmente dotados resultou a implosão da banda em 1969-70, mas antes o estado caótico abasteceu-os de ideias e referências: a polifonia, o humor *nonsense*, a *pop-art,* a música clássica, as tessituras melódicas dissonantes. Tudo a serviço da incansável produção beatleana de hits. O objeto-álbum mereceu deles o tratamento de obra de arte nas capas, fotos e encartes. Recadinhos desaforados, ressentimentos, versos provocativos de Paul, avacalhações de John às músicas de Paul acabavam por valorizar as músicas. O pianinho caricato de John em "Ob-la-di, ob-la-da" de Paul resume.

Nesse sentido, o oitavo disco de carreira dos Beatles, *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, e os *singles "*Penny Lane" e "Strawberry Fields Forever" são os frutos magníficos desse choque cultural, afetivo e intelectual. *Sgt. Pepper's* é uma obra divisora de águas (perdoem o escriba deste *Dossiê* pelo clichezaço). Desconcertante na forma e conteúdo, pioneiro e renovador nas técnicas de produção e gravação, o disco lançado em junho de 1967 encabeça praticamente todas as listas de melhores e mais influentes discos de pop/rock de todos os tempos. E olha, leitor, que a safra 1966-68 oferecia Frank Zappa (*Absolutely Free*); Rolling Stones (*Beggars Banquet*); Lou Reed e Velvet Undreground (*Velvet Underground and Nico*); Pink Floyd (*The Piper at the Gates of Dawn*); David Bowie (*Space Oddity*); e os Beach Boys. Destes últimos, Paul McCartney não ocultava a admiração/inveja das harmonias e texturas sonoras de *Pet Sounds* (1966), o parâmetro de brilhantismo para *Sgt. Pepper's.* John e Paul duelavam com o magistral líder dos *BB's,* Brian Wilson. Para o bem da música popular e regozijo geral.

As previsões de fracasso radiofônico de *Sgt. Pepper's* não se confirmaram. Nem poderiam. As músicas soavam bonitas. A adoração messiânica ao Fab Four segurou a bronca enquanto os ouvintes assimilavam a paulada no convencionalismo. E como assimilaram! Em três meses vendeu 2,5 milhões de cópias… Só nos EUA! Nos cálculos da EMI, já ultrapassou a marca de 12 milhões de cópias vendidas. Para completar, a BBC convocou os Beatles para participarem da primeira transmissão mundial via satélite da TV. Os diretores da emissora londrina solicitaram aos rapazes uma mensagem de apelo universal. No dia 25 de junho de 1967,

os lares de 26 países assistiram e ouviram aos Beatles tocarem “All You Need is Love”[6].

A capa de *Sgt. Pepper’s* é um caso à parte. Psicodélica, debochada e apinhada de celebridades, subcelebridades, heróis, anti-heróis, ilustres desconhecidos, gênios e canastrões, é a representação visual para o conteúdo da “bolacha”. Frank Zappa (*We’re Only in it fot The Money*, 1968) e Zé Ramalho (*Nação Nordestina*, 1998) a parodiaram, assim como a revista *Mad* e episódios dos *Simpsons*. Na década de 1970, o burlesco The Rutles, do ex-Monty Python’s[7] Eric Idle, “reconstituiu” a saga dos Beatles e lançou o “visionário” *Sgt. Rutter’s Only Darts Club Band.* Um dos espetáculos do The Rutles teve a presença especialíssima de George Harrison.

Além de desenhos, em *Sgt. Pepper’s*, 60 “personalidades” aparecem nas colagens do pintor e ilustrador britânico Peter Blake. Veja a seguir quem são – e preste atenção no elevado contingente de comediantes, gurus indianos e “artistas *pop”*:

Quem aparece na capa do *Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band*

Nome	**Quem é**
Albert Einstein	Físico
Albert Stubbins	Jogador de Futebol
Alberto Vargas	Artista, pintor de *pin-ups*
Aldous Huxley	Escritor
Aleister Crowley	Mágico

Aubrey Beardsley	Ilustrador
Bob Dylan	Músico
Bobby Breen	Ator e cantor
Carl G. Jung	Psiquiatra e psicanalista
Diana Dors	Atriz e pin-up
Dion DiMucci	Cantor e compositor
Dr. David Livingstone	Missionário escocês
Dylan Thomas	Poeta
Edgar Allan Poe	Escritor
Fred Astaire	Ator
G. Bernard Shaw	Dramaturgo
George Harrison	Beatle
Huntz Hall	Ator e radialista
H. G. Wells	Escritor

H. C. Westermann	Escultor
Issy Bonn	Atriz
John Lennon	Beatle
Johnny Weissmuller	Ator e nadador
Karl Marx	Filósofo
Karlheinz Stockhausen	Compositor
Larry Bell	Artista e escultor
Lenny Bruce	Comediante
Lewis Carroll	Escritor
Mae West	Atriz
Marilyn Monroe	Atriz
Marlene Dietrich	Atriz
Marlon Brando	Ator

Max Miller	Comediante
Oliver Hardy	Ator
Oscar Wilde	Escritor
Paul McCartney	Beatle
Richard Lindner	Pintor de pop art
Richard Merkin	Artista
Ringo Starr	Beatle
Robert Peel	Ex-Primeiro-Ministro britânico
Shirley Temple	Atriz
Simon Rodia	Construtor da Watts Towers
Sonny Liston	Pugilista
Sri Lahiri Mahasaya	Guru
Sri Mahavatar Babaji	Guru
Sri Paramahansa Yogananda	Guru

Sri Yukteswar Giri	Guru
Stan Laurel	Comediante
Stephen Crane	Escritor
Stuart Sutcliffe	ex-Beatle
Terry Southern	Escritor
The Pretty Girl of George Petty	Personagem
T. E. Lawrence” of Arabia”	Escritor
Tom Mix	Ator
Tommy Handley	Comediante
Tony Curtis	Ator
Tyrone Power	Ator
Wallace Berman	Artista
William S. Burroughs	Escritor

W.C. Fields	Comediante

OS BEATLES NA "VIBE" DO GURU INDIANO

Na literatura disponível sobre os Beatles, não faltam histórias factuais ou exageradas de credulidade dos integrantes. Certa feita, John e George teriam caído na lábia do grego Yannis Alexis Mardas, o bizarro engenheiro e inventor Magic Alex. Comandante da Apple Electronics, divisão de eletrônicos da Apple Corps, Magic os persuadiu a ceder-lhe os motores da Rolls Royce (John) e Ferrari (George) … para construir um disco voador! Ingenuidade? LSD? Lenda?

Tem a dos *hippies* holandeses, sabe dessa? Os Beatles contrataram os ripongas para o atendimento aos clientes na loja de roupas da Apple. E eles trataram de roubar o estoque. Não foi rasteira isolada nos negócios. Dick James, sócio-gerente da Nothern Songs, editora criada para gerenciar o espólio dos Beatles, aproveitou-se de brechas na lei e negociatas na Bolsa de Valores para tomar-lhes o controle acionário da empresa. Uma loucura! Os Beatles manjavam de indústria fonográfica, mas eram cordeirinhos acuados no covil empresarial. Mesmo Brian Epstein era dado a inocências nesse jogo duro. Epstein reclamou à produtora de filmes United Artists 7,5% sobre faturamentos de bilheteria. Senão, a UA daria adeus aos Beatles. Os negociadores da produtora se entreolharam, risonhos, e aceitaram no ato, pois tinham carta-branca dos chefes para liberar 25%.

Os Beatles jamais foram carolas, viviam às turras com o cristianismo, mas os desvarios sessentistas os tornaram suscetíveis a oratórias filosóficas e espiritualizadas. Em 24 de agosto de 1967, se encontraram no Hotel Hilton de Londres com o "guru das estrelas" Maharishi Mahesh Yogi. Ficaram completamente extasiados. Eles possuíam um saber prévio sobre yoga e meditação – George Harrison recomendava aos colegas a *Autobiografia de um iogue* (1946)*,* de Paramahansa Yogananda – tanto é que quatro gurus indianos aparecem na capa de *Sgt. Pepper's*. Maharishi chamou-os para uma conferência sobre Meditação Transcedental na região galesa de Bangor. Mick Jagger e sua então namorada, a cantora e atriz Marianne Faithfull, os acompanharam. Lá, cada beatle recebeu um mantra. Enquanto meditavam, o empresário Brian Epstein morria por overdose de remédios para dormir. A *vibe* de Marahishi amenizou o sofrimento e adiou as consequências. Controlador geral, Epstein organizava finanças, agenda e colocava a "loucura" deles nos eixos.

Em 1968, os Beatles partiram à Índia para um retiro espiritual na Academia de Meditação de Maharishi, em Rishikesh, nos Himalaias. No *ashram* (eremitério hindu), reuniram-se com a atriz Mia Farrow, à ocasião esposa do cineasta Woody Allen; o bardo do folk Donovan; e Mike Love, vocalista dos Beach Boys. Maharishi e comitiva posaram para fotos e o retorno foi rápido. Cerca de seis milhões de pessoas aderiram à moda da Meditação Transcedental.

Os Beatles teriam, porém, subvertido às ordens do guru e consumido drogas. Substâncias estupefacientes + mantras hipnóticos. A mistura sacudiu a cachola dos músicos. Dessa miríade de "sensações celestiais" e "percepções difusas", os Beatles conceberam as 30 canções do heterodoxo *The Beatles,* o *The White Album*, para muitos um disco superior ao aclamado *Sgt. Pepper's*. Gravado no Abbey Road e no Trident Studios, o LP duplo refletia e problematizava as "viagens" do Fab Four. Se a capa dos discos anteriores irrompem em cores quentes e imagens vibrantes, a do *Album Branco* é o cúmulo do minimalismo. O designer Richard Hamilton elaborou fundo alvo e grafou um "The Beatles" desbotado. E só.

O retiro na Índia não terminou em flores e amores. Os Beatles abandonaram o *ashram* e retornaram à Inglaterra. A música "Sex Sadie" talvez esclareça a decisão: "Sexy Sadie what have you done/You made a fool of everyone" ("Sádica [o] do Sexo o que você fez/Você fez de tolo todo o mundo"). A letra seria uma sátira ao suposto assédio de Marahishi a Mia Farrow (e provavelmente a irmã da atriz). Na esteira das denúncias, o guru que se arvorava um "homem para além do sexo" viu-se acusado de manter relações sexuais com as discípulas.

A fundação da Apple Corps Ltd. foi uma decisão materialista de janeiro de 1968. A empresa gerenciaria inicialmente os produtos da marca "Beatles", que continuaria a ter os discos produzidos e distribuídos pela EMI/Capitol. A desilusão na Índia, a proximidade de John e Yoko, os interesses individuais, o embate de opiniões e os projetos solo apressaram o colapso da banda. Quem ouvia maravilhado os discos não imaginava os atritos latentes. E o "*magical mistery*" dos mitos, lendas e conspirações – mensagens satânicas nos discos, a "morte" de Paul McCartney – subsumia as brigas e o esgotamento no seio dos Beatles.

A “morte” de Paul McCartney e outras lendas

Volta e meia surgem por aí acusações de divulgação de recados diabólicos em letras de canções de Pink Floyd, Rolling Stones, Ozzy Osbourne, Engenheiros do Hawaii e até da ex-modelo e apresentadora Xuxa Meneghel. Discos são esmiuçados, ouvidos de trás para frente, em rotação acelerada, lenta, e invariavelmente “percebem-se” neles sons ocultos e sinistros. As “descobertas” alimentam o passatempo dos teóricos da conspiração[8]. O Pink Floyd, aliás, é uma das bandas favorita dos auscultadores de códigos e coincidências. E nem adianta Roger Waters, David Gilmour, Nick Mason e Richard Wright desmentirem (despistarem?) as famigeradas correspondências entre *Dark Side of the Moon* (1973) e *O mágico de Oz* (1939), adaptação cinematográfica do livro infantil de Lyman Frank Baum, estrelada por Judy Garland no papel da menina Dorothy Gale.

E os Beatles? Ora, ora. Textos subliminares, fábulas, charadas e maquinações se espalham em “indícios” e “pistas” nos discos do quarteto de Liverpool. Às vezes coerentes, às vezes estapafúrdias, as interpretações passeiam do óbvio ao intrigante. Reparou na menção a dietilamida do ácido lisérgico no título da chapadona “Lucy in the Sky with Diamonds”. Não? Agora grife as iniciais de Lucy, Sky e Diamonds. Viu? LSD! E “Hey Jude”? Baladinha meiga e corinhos inocentes. Letra amorosa para Julian e Cynthia, certo? Tem quem discorde. Leia este verso: “The minute you let her under your skin/Then you begin to make it better” (“No minuto que você deixá-la debaixo de sua pele/Você começará a ficar melhor”). Campanha pródrogas injetáveis? Charles Milles Manson acreditava nas “revelações” dos Beatles. Seu ritual de homicídio consistia em espancar, balear, esfaquear e, com o sangue das vítimas, rabiscar nas paredes “Helter Skelter”, um rock subsequente à “Sexy

Sadie" no *The White Album.* Para Manson, "Helter Skelter" anunciava que os Beatles seriam os "Calaveiros do Apocalipse". Liderados pelo mentor Manson, a "Família Manson" promoveu chacinas em Los Angeles. Em 9 de agosto de 1969, os seguidores Tex Watson, Susan Atkins, Patricia Kremwinkel invadiram a casa de número 10050 da Cielo Drive e assassinaram a atriz Sharon Tate, mulher do cineasta Roman Polanski, grávida de oito meses. Polanski havia dirigido um ano antes o longa de terror/ suspense *O Bebê de Rosemary* no qual Mia Farrow representava a protagonista Rosemary Woodhouse. Charles Manson e sua "família" foram sentenciados à morte em 1971, pena comutada para prisão perpétua em 1972[9]. Os Beatles repelem qualquer veracidade nessa insana leitura de Manson.

Dubiedade, deturpações e… Mistério! O "Paul is Dead", a "Lenda da Morte de Paul McCartney", mobiliza os caçadores de enigmas. Acredite se quiser. Em 1966, os Beatles não interromperam os shows ao vivo por decisão estratégica ou desgosto. Paul McCartney, o Macca, "morrera" num violento acidente de automóvel. Sabe-se lá por que, os Beatles decidiram esconder a tragédia – pressões da gravadora? Daí Epstein contratou um sósia. Sim, leitor. O sósia é autor de "Let it Be", trocou alianças com Linda, é pai de Mary, Stella e James…

Quer uma "evidência" da "morte" de Paul? A capa de *Abbey Road*, de 1969.

Siga as pegadas, Dick Tracy! Salve o planeta, Fox Mulder!

Cortejo Fúnebre Simbólico: a ordem dos Beatles atravessando a faixa de trânsito defronte ao Abbey Road Studios desvela o segredo: 1 – John vestido de branco (médico); 2 – Ringo, de preto (agente funerário ou religioso); 3 – O "sósia" de Paul (o "morto" está descalço, como manda a tradição na Inglaterra); 4 – George em vestes surradas (representa o coveiro).

O Enigma do Carro: um carro ao fundo possui a placa LMW 28IF. LMW: "Linda McCartney Weeps" (ou "Widow") e 28 IF: "28 if…", ou seja, "Linda McCartney Chora (ou Viúva)" e "28 anos se…". A conta dos 28 não fecha porque no ano de lançamento de *Abbey Road* McCartney "teria" 27 anos. Para não aniquilar a brincadeira, foram acrescidos os meses de gestação. É por aí…

O Vacilo do Sósia: o sósia pôs a "farsa" a perder, coitado. Ele segura o cigarro na mão direita e Paul "era" canhoto. Eita!
É… "Azar" dos 180 mil espectadores presentes ao Maracanã na noite de 21 de abril de 1990. Segundo a lenda, eles assistiram a um sósia de Paul McCartney quebrar o recorde mundial de público num concerto.

O FIM DOS BEATLES: CREPÚSCULO DA BEATLEMANIA?

O biênio 1969-70 acirrou as dissensões entre os Beatles. A discrepância nos modos de pensar de Paul McCartney e John Lennon, a insatisfação de George Harrison, a morte de Brian Epstein, as dores de cabeças com a Apple Corps, os rolos do editor Dick James e do empresário Allen Klein, as chatices burocráticas, Manson & Fanatismos e mais um caminhão de aborrecimentos somados e multiplicados. A banda encerrou as atividades porque as reações às ações a arrastou para tanto. A arte, porém, manteve-se em alta. *Abbey Road* (1969) e *Let it be* (1970) estão um degrau abaixo de *Sgt. Pepper's* e do *The White Album*, mas permaneciam, ou melhor, permanecem dois ou três dígitos acima da média.

Restava um caldinho de animação no fundo da panela. Em Londres, durante as filmagens de um documentário previamente intitulado *Get Back*, abandonado em detrimento do filme *Let it be* (que capta o clima de final de feira dos Beatles), os Beatles surpreenderam. Eles subiram no terraço do edifício da Apple, plugaram os instrumentos e tocaram para transeuntes incrédulos e admirados. Era o dia 30 de janeiro de 1969. A polícia londrina ordenou que se cessasse o barulho. O produtor Mal Evans procurou interceder. Solene, Evans avisou aos "tiras" quem eram os "perturbadores da ordem pública".

Breve o mundo saberia que jamais veriam outra apresentação ao vivo dos Beatles.

Nas sessões de gravação, John, Paul, George e Ringo raramente se esbarravam pelos corredores. Azedume evidente. No estúdio, cada um registrava a sua parte e tchau! Os Beatles se juntaram pela última vez na sessão de 20 de agosto de 1969. Para gravar "I Want You (She's So Heavy)", a sexta música do disco *Abbey Road.* Em setembro, John Lennon comunicou aos demais integrantes seu desligamento da banda. Ele consentiu em não divulgar a decisão, e negar rumores, enquanto não fossem lançados o filme e álbum *Let it Be*, a propósito o único não produzido por George Martin – a função coube a Phil Spector, cujo recurso "Wall of Sound" (Parede de Som) desagradou a Paul McCartney. Em 2003, George Martin remixou e remasterizou o disco, limando o "Wall of Sound" e reordenando as faixas. O resultado de *Let it be… Naked* dividiu opiniões.

Despedida à vista! John Lennon havia aprontado o compacto solo "Instant Karma!" e a Plastic Ono Band. E Paul acertava os ponteiros de seu *McCartney*. Neste disco distribuído em abril de 1970, Paul assume o final dos Beatles. Ele não diz se de modo concludente ou temporário, mas por ter se manifestado às vésperas de *Let it Be* (maio/1970), muitos pesquisadores julgam que ele rompeu o pacto de silêncio. Por sinal, os advogados de Paul ingressaram com a ação de dissolução da banda. Do ponto de vista burocrático, os Beatles "fecharam as portas" em 1975.

A decisão, dolorosa para os fãs, impediu a produção de discos pálidos e pouco inspirados. Conjuntos longevos possuem discografia irregular e, pesadelo dos pesadelos, autoparódica. Felizmente o Fab Four escapou dessa maldição.

John, Paul, George e Ringo absorveram, processaram, reprocessaram e emitiram os sinais sonoros de uma década atribulada do século 20. As canções do quarteto de Liverpool poderiam soar datadas, estáticas, expiradas, esquecidas no baú das épocas vividas. Mas em face da grandeza da obra os Beatles seguem a cativar os amantes da boa música. Yesterday, Today, Forever.

Datas e acontecimentos históricos (1967-1970)

1967

20/02 – Nasce Kurt Cobain, líder da banda norte-americana Nirvana.

04/04 – Martin Luther King discursa em Nova York contra a Guerra no Vietnã.

21/04 – George Papadopoulos lidera um golpe militar e assume o poder na Grécia.

05/06 – Início da Guerra dos Seis Dias que opõe Israel à Síria, Egito e Jordânia.

09/10 – O líder guerrilheiro Che Guevara é capturado e executado na Bolívia.

19/11 – Morre no Rio de Janeiro o escritor brasileiro João Guimarães Rosa.

1968
05/01 – Começa na Tchecoslováquia a "Primavera de Praga", movimento anti-Cortina de Ferro.
30/01 – A "Ofensiva Tet" dos vietcongues recrudesce a Guerra no Vietnã.
27/03 – Morre o cosmonauta Yuri Gagarin, pioneiro na viagem espacial a bordo da Vostok.
04/04 – O pastor e ativista político Martin Luther King é assassinado em Memphis, nos EUA.
02/05 – Iniciam-se em Paris os protestos de estudantes conhecido como "Maio de 68".
05/06 – O senador Robert Kennedy morre alvejado por tiros em Los Angeles.
12 a 27/10 – Ocorrem na Cidade do México os XIX Jogos Olímpicos da Era Moderna.
05/11 – O republicano Richard Nixon vence as eleições presidenciais nos EUA.
13/12 – O presidente militar Artur da Costa e Silva decreta o Ato Institucional 5 (AI-5).

1969
09/02 – Primeiro vôo comercial do Boeing 747.
07/04 – Criado o sistema ARPANET, cujos fundamentos deram origem à Internet.
20/07 – Comandante da missão espacial Apolo 11, Neil Armstrong pisa na Lua.
15 a17/08 – Na cidade de Bethel, no estado de Nova Yorque, acontece o Festival de Woodstock.
30/09 – Grupo de Muammar al-Gaddafi assume o poder na Líbia.
19/11 – Contra o Vasco, no Maracanã, Pelé marca, de pênalti, seu milésimo gol.

1970
16 e 17/03 – Ataque do exército dos EUA no Vietnã fica conhecido como "Massacre de My Lai".

21/06 – No México, o Brasil vence a Copa do Mundo e conquista a Taça Jules Rimet.
27/07 – Morre em Lisboa o ditador português Antonio de Oliveira Salazar.
09/11 – O general e estadista francês Charles de Gaulle falece em Colombey-les-Deux-Églises.

---

1 Entrevistas: International Magazine, Gryphus, 1997, p. 148.

2 Andy Warhol elaborou a capa de The Velvet Underground and Nico (1967), do Velvet Underground, banda-conceito produzida por Warhol. A arte do disco é um marco da pop art.

3 Tradução aproximada: "Ei Jude/ Não fique mal/Escolha uma música triste e a torne melhor/Lembre-se de deixá-la entrar em seu coração/Então você pode começar a torná-la melhor".

4 Tradução aproximada: "De Paris fomos ao hotel Amsterdam Hilton/ Ficamos batendo papo na cama uma semana/Saiu nos jornais a pergunta sobre/ 'O que fazíamos na cama?'/ E eu respondi 'Nós só estamos buscando um pouco de paz'/ Cristo! Você sabe como as coisas são difíceis/Do jeito que as coisas andam/Eles vão acabar me crucificando".

5 Maureen Cox, namorada de Ringo desde os tempos bicudos no Cavern Club. Juntaram os trapinhos em 1965.

6 Introduzida pela *La Marseillaise* (hino da França e da Revolução Francesa) e o coro "Love, love, love. Love, love, love", o single "All You Need is Love" é a quinta faixa do Lado B de *Magical Mistery Tour* (versão Capitol/EUA) e sexta do *Yellow Submarine* (EMI/Reino Unido).

7 A trupe britânica de humoristas *Monty Python's Flying Circus* fez sucesso na TV e no cinema com seu humor do absurdo. Foram tão importantes que é possível encontrar, nos dicionários britânicos, a palavra "pythonesque" (pythonesco) como sinônimo de "absurdo", "surreal", "nonsense". Dentre os epígonos do *Monty Phyton* estão o desenho *South Park;* o *Saturday Night Live;* e mais uma penca de atores, diretores, comediantes e roteiristas.

8 É dispensável ouvir discos em reverso e fazer análise semântica de versos para saber que citações diretas e indiretas ao satanismo, magia e ocultismo integram o universo de alguns músicos de rock. Vide "Simpathy for the Devil" dos Stones, "The Number of the Beast" do Iron Maiden…

9 Além de Sharon Tate, foram mortos pela gangue de Manson Steven Parent, Jay Sebring, Abigail Folger, Wojciech Frykowski e o casal Rosemary e Pasqualino “Leno” LaBianca.

IV
E a Beatlemania continua

Os Beatles venderam cerca de 2 bilhões de cópias de LP's, EP's, K-7's, singles, CD's e DVDs. Fora, é claro, os bootlegs, "piratões", downloads não autorizados pela Internet e outras formas de aquisição que não passam pelas planilhas da EMI. As compras pós-1970 correspondem à maior fatia desses números, o que atesta a perenidade do Fab Four. Nostalgia, datas comemorativas, coletâneas, raridades, remasterizações, atualização de formatos de armazenamento (conversão do vinil para o compact disc, por exemplo) e projetos de intensa repercussão midiática (Past Masters, Anthology) justificam a avalanche mercadológica. Contudo, a despeito do avançar das décadas, a discografia dos Beatles resistiu muitíssimo bem à ação cruel do tempo. "Eu ouço Day Tripper até hoje, aquilo me impressiona até hoje", declarou Renato Russo à International Magazine em 1994[1].

Os Beatles encabeçam rankings de "melhores discos", "melhores músicas", "artistas mais influentes" em júris populares e especializados. Na eleição dos 500+ da *Rolling Stone* (2003), os Beatles abiscoitaram o ouro (*Sgt. Pepper's*), o bronze (*Revolver*), o quinto (*Rubber Soul*) e o décimo lugar (*The White Album*). E o mérito da conquista não é arranhado sequer pelo incômodo e prepotente "anglocentrismo" dos críticos/eleitores. Tem mais ressalvas. Em termos de rock, o saudosismo bufão pesa contra o resultado das urnas da *Rolling Stone*: *Nevermind* (1991), do Nirvana, que aparece em 17º e *Ok Computer* (1997), do Radiohead na inexplicável 162º colocação[2].

Idolatria, ouros e louros, vendas invejáveis e… muita confusão! Separados e desarticulados, os Beatles travaram disputas nos tribunais e sofreram com as vilanias de empresários.

A GUERRA DAS MAÇÃS

Califórnia, 1976. Os Steves, Jobs e Wosniak fundam a Apple Computer. Ciosa de sua marca, a Apple Corps não gostou nada. Em 1978, a empresa dos Beatles acionou judicialmente a fabricante do Apple II. A renhida "Guerra das Maçãs" perdurou por três décadas: a bandeira da conciliação foi hasteada somente em fevereiro de 2007.

Na sentença proferida em 1981, a Apple Computer teve de desembolsar uma indenização e comprometer-se a não entrar no ramo fonográfico. Acontece que, no final dos anos 1980, o célere desenvolvimento dos computadores Apple Macintosh (1989) permitia a reprodução de arquivos MIDI (Musical Instrument Digital Interface). Novo tribunal, nova indenização.

Em 2003, ocorre o terceiro capítulo. O iTunes e o iPod acabaram na mira da Apple Corps. Novo tribunal e… novo contexto. Internet, século XXI e blá, blá, blá. E o tamanho da Apple Inc. (Computer) cresceu um bocadinho, não? Em 2006, a justiça argumentou que a Apple de Jobs não rasgava o acordo do passado, pois seus produtos *disponibilizavam* e não *criavam* música. A Apple Corps reagiu. E chegou-se, enfim, à solução diplomática de 5 de fevereiro de 2007: as duas maçãs concordaram em co-existir e assumir as próprias custas judiciais[3].

O "PATRÃO" MICHAEL JACKSON

No auge da fama internacional, *Thriller* nas alturas, o *popstar* Michael Jackson cometeu em 1985 um dos lances mais ousados da indústria fonográfica. Por U$ 47,5 milhões, comprou a ATV Music, proprietária de um catálogo de 263 canções dos Beatles. Na prática, Jackson passou a controlar os direitos sobre a obra do Fab Four. A jogada causou perplexidade em Paul McCartney, cujo LP *Pipes of Peace* (1983) contava com a presença de Michael Jackson nos vocais de "Say Say Say" (composta pelos dois astros) e "The Man".

A rigor, as músicas já não pertenciam aos Beatles e seus herdeiros. No ato da constituição societária da Northern Songs Ltd., em 1963, as ações da editora musical estavam assim rateadas: John Lennon (19%), Paul McCartney (20%), Epstein/ NEMS (10%) e o editor Dick James (49%). Em 1965, a Nothern Songs foi reestruturada e abriu seu capital à Bolsa de Valores. E com Dick James e Allen Klein no comando…

Compra ação daqui, vende percentual para lá. E, "de repente", a Northern Songs passou a ser controlada pelo grupo ATV Music, de Lew "Lord" Grade. Ou seja: John Lennon e Paul McCartney necessitariam depositar dinheiro na conta da ATV para tocar suas composições. Surreal.

E quando Michael Jackson aparece na história? No final de 1981, Grade decidiu vender a ATV. Consta que os Beatles tiveram a oportunidade de reaver o espólio. Grade propôs a Paul a compra da ATV por 20 milhões de libras. Macca ligou para Yoko Ono, que teria recusado a oferta. Considerou-a cara em demasia. Aí Jackson chegou, pagou e levou a ATV Music/Northern Songs.

As excentricidades de Jackson – dentre eles o rancho Neverland – cobraram seu preço. As dívidas contraídas o obrigaram a revender 50% da ATV para a Sony. Recentemente, Jackson acenou com a hipótese vender os outros 50% ou deixá-los de herança a Paul McCartney[4].

COLETÂNEAS, ANTHOLOGY E HALL DA FAMA

Os Beatles adentraram ao Rock'n'Roll Hall of Fame em 1988. A demora deveu-se às regras da instituição. Para ser "aceito" no clube, o disco de estreia precisa ter completado 25 anos, o que ocorreu exatamente em 1988. Naquele ano, os Beatles lançaram os *Past Masters* vols. 1 e 2.

Na década de 1990, saíram o *The Beatles – Live at the BBC* (1994) e o ambicioso *Anthology*, megaprojeto em livro, documentário e três discos duplos repletos de quitutes saborosos para os aficcionados. A inédita "Free as a Bird" foi a cereja do bolo, conduzindo os Beatles de volta aos *hit parades* em 1995 e 1996. Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr pegaram um *demo tape* de John Lennon e acrescentaram em estúdio vozes e instrumentos. A coletânea de *singles 1* (2000), organizada e editada por George Martin, bateu recordes e recordes de vendagem e ultrapassou a barreira de 30 milhões de cópias vendidas.

CARREIRAS SOLO

JOHN LENNON

Em 1968, John Lennon formou, com Yoko Ono, a Plastic Ono Band e acirrou suas posições políticas e opções estéticas. Na capa de *Two Virgins* (1968), o casal é clicado abraçado e em nu frontal. Participaram da Plastic Ono George Harrison e Ringo Starr. Paul McCartney não!

Envolvido em movimentos pacifistas, John devolveu seu título de nobreza, inconformado com o apoio britânico aos EUA na Guerra do Vietnã; fez da lua-de-mel um ato político-filosófico, o Bed-in pela Paz; e ao lançar o single "Give Peace a Chance", embaralhou sua imagem de músico à de ativista da paz. Suas letras politizadas e humanistas agradavam ao público farto de guerra. A faixa-título de *Imagine* (1971) é um libelo pela harmonia dos povos – e mais uma de suas estocadas nas religiões. O disco, em si, é excelente: "Gimme Some Truth", "Jealous Guy"… Em "How do you sleep", acusa Paul McCartney de ter escrito apenas uma música decente, "Yesterday".

A carreira de John Lennon seguia sólida em 1980. Divulgava *Double Fantasy*, concedia entrevistas, tudo certo. No entanto, na noite de 8 de dezembro, ao retornar para seu apartamento no edifício Dakota, defronte ao Central Park, em Nova York, um homem para quem John autografara, à tarde, uma cópia de *Doube Fantasy* o aborda novamente. Agora para disparar seu revólver calibre 38 no ex-beatle. Os policiais recolheram John e o levaram ao hospital. Mas ele não resistiu à gravidade dos ferimentos. O assassino, Mark David Chapman, era fanático pelo livro *Apanhador no campo de centeio*, de J.D. Salinger, e pelos Beatles. Foi fácil prendê-lo porque Chapman permaneceu no local, imóvel, atordoado, perturbado.

A notícia da morte de John Lennon abalou as pessoas. Espoucaram pelo mundo manifestações de carinho, respeito e dor. Velas acesas, músicas entoadas no Central Park, vigílias, luto. Pergunte a quem viveu aqueles dias e a resposta virá com olhos marejados.

Muitas foram as teses sobre complôs relacionados à morte de John Lennon. Nada levado a sério. No julgamento, Chapman alegou ter encontrado, em passagens do livro de Salinger, motivos para assassiná-lo. Mark David Chapman, mente aos frangalhos. Pegou prisão perpétua. E John Lennon? Elevou-se. Virou sinônimo de sonho. De paz.

Hits – Carreira Solo: “Give Peace a Chance” (single, 1969); “Mother” (*John Lennon/Plastic Ono Band*, 1970); “Imagine” (*Imagine*, 1971); “Jelous Guy” (*Imagine*, 1971); “Mind Games” (*Mind Games*, 1973); “(Just Like) Starting Over” (*Double Fantasy*, *1980); “Woman” (single, 1981).*

PAUL MCCARTNEY

Com a esposa Linda, o baterista Danny Seiwell e o guitarrista Danny Laine (ex-The Moody Blues), Paul McCartney criou o The Wings em 1971. A banda fez sucesso na década de 1970 e trouxe à baila dois excelentes discos. *Red Rose Speedway* e *Band on the Run*, ambos de 1973. Completou o ano mágico dos Wings a música “Live and Let Die”, da trilha sonora de *007 – Viva e deixe morrer* e regravada pelos Guns N´Roses em *Use Your Illusion II* (1991).

“Silly Love Songs”, de *Wings at the Speed of Songs* (1976), respondia às provocações de John Lennon. Mas em maio daquele ano, eles deram uma trégua nas rusgas e egos feridos. Paul viajou a Nova Yorque e achou legal visitar John, que fixara residência por lá. Era sábado à noite e eles batiam um papo amigável. A televisão ligada no “Saturday Night Live”. Toda semana, a produção do humorístico oferecia aos Beatles, de gozação, três mil dólares caso topassem tocar no programa. John teria dito a Paul o quão perto ficava o estúdio da emissora. Cogitaram ir. Hesitaram. Decidiram ficar. Despediram-se. Nunca mais se encontraram.

Paul McCartney soube aproveitar-se da fama e reputação. Cantou em dueto com Michael Jackson, apresentou-se para um mar de gente em estádios de futebol e tentou a sorte na música clássica e eletrônica. Encarou o baque da morte de Linda, em 1998, decorrência de um câncer no seio, e em 1999 bancou uma superbanda para um disco (*Run Devil Run*) e show (*Paul McCartney Live at Cavern Club*), composta por Ian Paice, baterista do Deep Purple e David Gilmour, guitarrista do Pink Floyd. Casou-se com a modelo Heather Mills em 2001 e o divórcio custou-lhe um naco do patrimônio e manchetes nos tablóides ingleses.

Hits – Carreira Solo: “Live and Let Die” (single, 1973); ‘My Love” (*Red Rose Speedway*, 1973); “Band on the Run” (*Band on the Run*, 1973), “Say Say Say” (*Pipes of Peace*, 1983); “No More Lonely Nights” (*Give My Regards to Broad Streets*, 1984).

GEORGE HARRISON

Logo em 1970, George Harrison utilizou seu estoque de composições no álbum triplo *All Things Must Pass*, talvez a melhor obra solo de um ex-beatle. Pop, folk, espiritualidade, violões, guitarras, ocidente e oriente. Acusado de plagiar "He's so fine" (1963), do The Chiffons, em "My Sweet Lord", arcou com os prejuízos da "coincidência" mesmo comprovada a sua falta de dolo. Anos depois, Harrison compraria os direitos de "He's so fine".

Bola cheia de 1971, George organizou o show humanitário *The Concert for Bangladesh*. Subiram ao palco do Madison Square Garden Bob Dylan, Eric Clapton, Ravi Shanktar, Billy Preston e Ringo Starr. Convidados também, Paul McCartney alegou ser muito cedo para reunir os Beatles e John Lennon ficou fulo porque o convite não se estendia a Yoko Ono.

George prestaria tributo póstumo a John em "All Those Years Ago" (*Somewhere in England*, 1981), com participação especial de Paul e Ringo. Sua carreira degringolou em seguida, mas George renasceu das cinzas em 1987 com *Cloud Nine*. Por fim**,** Integrou o *dream team* Travelling Wilburys (Bob Dylan, Roy Orbison, Jeffy Line e Tom Petty) e gravou uma versão de "Anna Julia", dos Los Hermanos.

George Harrison faleceu em Los Angeles no dia 29 de novembro de 2001. Ele lutava contra um câncer no pulmão e a posterior metástase. Fiel aos preceitos do Hare Krishna, parte de suas cinzas seriam lançadas no Rio Ganges, na Índia, parte repousaria nos locais sagrados Allahabad e Brindavan[5].

Hits – Carreira Solo: "My Sweet Lord" (*All Things Must Pass*, 1970); "All Things Must Pass" (*All Things Must Pass*, 1970); "If not for you" (*All Things Must Pass*, 1970); "All Those Years Ago" (*Somewhere in England*, 1981); "Cloud Nine" (*Cloud Nine*, 1987); "Got my mind set on you" (*Cloud Nine*, 1987).

RINGO STARR

O baterista Ringo Starr estreou com *Sentimental Journey* em 1970. Os discos solo de Ringo, na média razoáveis, destacam-se mais pela reunião de estrelas e por suas poses zombeteiras nas capas. O baterista manteve relacionamento agradável, cortês e sem ressentimentos com os ex-beatles, razão pela qual participou de diversas gravações e shows dos velhos companheiros, sobretudo de George Harrison e da Plastic Ono Band, de John Lennon. Além da música, engatou carreira como ator no cinema.

Ringo Starr, porém, era atormentado pelo alcoolismo. O vício motivou sua separação de Maureen Cox, com quem teve três filhos. Maureen morreria de leucemia em 1994. Ringo casou-se com a ex-bond girl Barbara Bach e alternou períodos de calmaria e internações. Nos últimos anos, montou a All Starr Band e seu desempenho nos Beatles vem sendo reavaliado pela crítica.

Hits – Carreira Solo: "I Don't Come Easy" (single, 1971); "Photograph" (*Ringo*, 1973).

---

1 Cf. FROES, Marcelo; PETRILLO, Marcos. *Entrevistas: International Magazine* (Gryphus, 1997). A entrevista com o líder da Legião Urbana foi publicada no tablóide em 1º de dezembro de 1994.

2 Lista completa: <http://www.rollingstone.com/news/story/5938174/the_rs_500_greatest_albums_of_all_time>.

3 Cf. "Apple e Beatles encerram disputa judicial por uso da marca" em *Consultor Juridico* <http://www.conjur.com.br/2007-fev-06/apple_beatles_encerram_briga_uso_marca>. Publicada em: 06 fev 2007.

4 Cf. "Michael Jackson quer deixar direitos dos Beatles de herança a McCartney" em Folhaonline <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u485977.shtml >. Publicada em: 04 jan. 2009.

5 Cf. "Rio Ganges deve receber cinzas de George Harrison" em BBC Brasil.com <http://www.bbc.co.uk/portuguese/cultura/011203_georgeharrisonbg.shtml >. Publicada em: 03 dez. 2001.

Discografia, Filmografia e Curiosidades: The Beatles

DISCOGRAFIA – THE BEATLES

MY BONNIE – TONY SHERIDAN WITH THE BEAT BROTHERS (1962)

• Relançado como *Tony Sheridan with The Beatles* ou *The Beatles feat. Tony Sheridan*

Lado A
01. My Bonnie (Tradicional)
02. Skinny Minny (Bill Haley/ Rusty Keefer/ Milt Gabler/ Catherine Cafra)
03. Whole Lot of Shakin' Going On (Dave Williams / Sonny David)
04. I Know Baby (Tony Sheridan)
05. You Are My Sunshine (Jimmie Davis/ Charles Mitchell)
06. Ready Teddy (Robert Blackwell/John Marascalco)

Lado B
01. The Saints (James Milton Black/ Catherine Purvis)
02. Hallelujah, I Love Her So (Ray Charles) 03. Let's Twist Again (Kal Mann/ Dave Appell/ Buchenkamp)
04. Sweet Georgia Brown (Bernie/ Pinkard,/Casey)
05. Swanee River (Stephen Foster)
06. Top Ten Twist (Homsen/ Bones/ Sheridan/ Lüth)

Obs.: A instrumental "Cry for a Shadow" e a balada "Ain 't the Sweet" foram registradas pelos Beatles na mesma sessão de gravação e inseridas em coletâneas e *box sets*.

PLEASE, PLEASE ME (1963)

01. I Saw Her Standing There (John Lennon/ Paul McCartney)
02. Misery (Lennon/McCartney)
03. Anna (Go to Him) (Alexander)
04. Chains (Goffin/King)
05. Boys (Dixon/Farrell)
06. Ask Me Why (Lennon/McCartney)
07. Please, Please Me (Lennon/McCartney)
08. Love Me Do (Lennon/McCartney)
09. P.S. I Love You(Lennon/McCartney)
10. Baby It's You (David/Williams/Bacharach)
11. Do You Want to Know a Secret? (Lennon/McCartney)
12. A Taste of Honey (Scott/Marlow)
13. There's a Place (Lennon/McCartney)
14. Twist and Shout (Medley/Russell)

WITH THE BEATLES (1963)

01. It Won't Be Long (Lennon/McCartney)
02. All I've Got to Do (Lennon/McCartney)
03. All My Loving (Lennon/McCartney)
04. Don't Bother Me (George Harrison)
05. Little Child (Lennon/McCartney)
06. Till There Was You (Wilson)
07. Please Mr. Postman (Dobbin/Garrett/Garman/Brianbert)
08. Roll over Beethoven (Berry)
09. Hold Me Tight (Lennon/McCartney)
10. You've Really Got a Hold on Me (Robinson)
11. I Wanna Be Your Man (Lennon/McCartney)
12. Devil in Her Heart (Drapkin)
13. Not a Second Time (Lennon/McCartney)
14. Money (That's What I Want) (Bradford/Gordy)

LONG TALL SALLY (1964, EP)

Lado A

01. Long Tall Sally (Johnson/Penniman/Blackwell)
02. I Call Your Name (Lennon/McCartney)

Lado B
01. Slow Down (Williams)
02. Matchbox (Perkins)

MEET THE BEATLES! (1964, MERCADO DOS EUA)

01. I Want To Hold Your Hand (Lennon/McCartney)
02. I Saw Her Standing There (Lennon/McCartney)
03. This Boy (Lennon/McCartney)
04. It Won't Be Long (Lennon/McCartney)
05. All I've Got to Do (Lennon/McCartney)
06. All My Loving (Lennon/McCartney)
07. Don't Bother Me (Harrison)
08. Little Child (Lennon/McCartney)
09. Till There Was You (Wilson)
10. Hold Me Tight (Lennon/McCartney)
11. I Wanna Be Your Man (Lennon/McCartney)
12. Not a Second Time (Lennon/McCartney)

A HARD DAY'S NIGHT (1964)

01. A Hard Day's Night (Lennon/McCartney)
02. I Should Have Known Better (Lennon/McCartney)
03. If I Fell (Lennon/McCartney)
04. I'm Happy Just To Dance With You (Lennon/McCartney)
05. And I Love Her (Lennon/McCartney)
06. Tell Me Why (Lennon/McCartney)
07. Can't Buy Me Love (Lennon/McCartney)
08. Any Time At All (Lennon/McCartney)
09. I'll Cry Instead (Lennon/McCartney)
10. Things We Said Today (Lennon/McCartney)
11. When I Get Home (Lennon/McCartney)
12. You Can't Do That (Lennon/McCartney)
13. I'll Be Back (Lennon/McCartney)

BEATLES FOR SALE (1964)

01. No Reply (Lennon/McCartney)
02. I'm A Loser (Lennon/McCartney)
03. Baby's In Black (Lennon/McCartney)

04. Rock and Roll Music (Berry)
05. I'll Follow The Sun (Lennon/McCartney)
06. Mr. Moonlight (Johnson)
07. Medley: Kansas City/Hey, Hey, Hey, Hey (Leiber/Stoller)
08. Eight Days A Week (Lennon/McCartney)
09. Words Of Love (Holly)
10. Honey Don't (Perkins)
11. Every Little Thing (Lennon/McCartney)
12. I Don't Want To Spoil The Party (Lennon/McCartney)
13. What You're Doing (Lennon/McCartney)
14. Everybody's Trying To Be My Baby (Perkins)

HELP! (1965)

01. Help! (Lennon/McCartney)
02. The Night Before (Lennon/McCartney)
03. You've Got To Hide Your Love Away (Lennon/McCartney)
04. I Need You (Harrison)
05. Another Girl (Lennon/McCartney)
06. You're Going To Lose That Girl (Lennon/McCartney)
07. Ticket To Ride (Lennon/McCartney)
08. Act Naturally (Morrison/Russell)
09. It's Only Love (Lennon/McCartney)
10. You Like Me Too Much (Harrison)
11. Tell Me What You See (Lennon/McCartney)
12. I've Just Seen A Face (Lennon/McCartney)
13. Yesterday (Lennon/McCartney)
14. Dizzy Miss Lizzy (Williams)

RUBBER SOUL (1965)

01. Drive My Car (Lennon/McCartney)
02. Norwegian Wood (This Bird Has Flown) (Lennon/McCartney)
03. You Won't See Me (Lennon/McCartney)
04. Nowhere Man (Lennon/McCartney)
05. Think for Yourself (Harrison)
06. The Word (Lennon/McCartney)
07. Michelle (Lennon/McCartney)
08. What Goes On (Lennon/McCartney/Starkey)

09. Girl (Lennon/McCartney)
10. I’m Looking Through you (Lennon/McCartney)
11. In My Life (Lennon/McCartney)
12. Wait (Lennon/McCartney)
13. If I Needed Someone (Harrison)
14. Run for Your Life (Lennon/McCartney)

A COLLECTION OF OLDIES... BUT GOLDIES! (1966, COLETÂNEA)

01. She Loves You (Lennon/McCartney)
02. From Me to You (Lennon/McCartney)
03. We Can Work It out (Lennon/McCartney)
04. Help! (Lennon/McCartney)
05. Michelle (Lennon/McCartney)
06. Yesterday (Lennon/McCartney)
07. I Feel Fine (Lennon/McCartney)
08. Yellow Submarine (Lennon/McCartney)
09. Can’t Buy Me Love (Lennon/McCartney)
10. Bad Boy (Williams)
11. Day Tripper (Lennon/McCartney)
12. A Hard Day’s Night (Lennon/McCartney)
13. Ticket to Ride (Lennon/McCartney)
14. Paperback Writer (Lennon/McCartney)
15. Eleanor Rigby (Lennon/McCartney)
16. I Want to Hold Your Hand (Lennon/McCartney)

REVOLVER (1966)

01. Taxman (Harrison)
02. Eleanor Rigby (Lennon/McCartney)
03. I’m Only Sleeping (Lennon/McCartney)
04. Love You To (Harrison)
05. Here, There And Everywhere (Lennon/McCartney)
06. Yellow Submarine (Lennon/McCartney)
07. She Said She Said (Lennon/McCartney)
08. Good Day Sunshine (Lennon/McCartney)
09. And Your Bird Can Sing (Lennon/McCartney)
10. For No One (Lennon/McCartney)

11. Doctor Robert (Lennon/McCartney)
12. I Want To Tell You (Harrison)
13. Got To Get You Into My Life (Lennon/McCartney)
14. Tomorrow Never Knows (Lennon/McCartney)

SGT. PEPPER'S LONELY HEARTS CLUB BAND (1967)

01. Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band (Lennon/McCartney)
02. With a Little Help from My Friends (Lennon/McCartney)
03. Lucy in the Sky With Diamonds (Lennon/McCartney)
04. Getting Better (Lennon/McCartney)
05. Fixing a Hole (Lennon/McCartney)
06. She's Leaving Home (Lennon/McCartney)
07. Being for the Benefit of Mr. Kite (McCartney)
08. Within You, Without You (Harrison)
09. When I'm Sixty-Four (Lennon/McCartney)
10. Lovely Rita (Lennon/McCartney)
11. Good Morning, Good Morning (Lennon/McCartney)
12. Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band (Reprise) (Lennon/McCartney)
13. A Day in the Life (Lennon/McCartney)

MAGICAL MYSTERY TOUR (1967 – VERSÃO LP/EUA)

01. Magical Mystery Tour (Lennon/McCartney)
02. The Fool On The Hill (Lennon/McCartney)
03. Flying (Lennon/McCartney/Harrison/Starkey)
04. Blue Jay Way (Harrison)
05. Your Mother Should Know (Lennon/McCartney)
06. I Am The Walrus (Lennon/McCartney)
07. Hello Goodbye (Lennon/McCartney)
08. Strawberry Fields Forever (Lennon/McCartney)
09. Penny Lane (Lennon/McCartney)
10. Baby You're A Rich Man (Lennon/McCartney)
11. All You Need Is Love (Lennon/McCartney)

MAGICAL MISTERY TOUR (1967, EP DUPLO/REINO UNIDO)

EP 1
01. Magical Mistery Tour (Lennon/McCartney)
02. Your Mother Should Know (Lennon/McCartney)
03. I Am The Walrus (Lennon/MacCartney)

EP 2
01. The Fool On The Hill (Lennon/McCartney)
02. Flying (Lennon/McCartney/Harrison/Starkey)
03. Blue Jay Way (Harrison)

THE BEATLES – "THE WHITE ALBUM" (1968, DUPLO)

Disco 1
01. Back in the U.S.S.R. (Lennon/McCartney)
02. Dear Prudence (Lennon/McCartney)
03. Glass Onion (Lennon/McCartney)
04. Ob-La-Di, Ob-La-Da (Lennon/McCartney)
05. Wild Honey Pie (Lennon/McCartney)
06. Continuing Story of Bungalow Bill (Lennon/McCartney)
07. While My Guitar Gently Weeps (Harrison)
08. Happiness Is a Warm Gun (Lennon/McCartney)
09. Martha My Dear (Lennon/McCartney)
10. I'm So Tired (Lennon/McCartney)
11. Blackbird (Lennon/McCartney)
12. Piggies (Harrison)
13. Rocky Raccoon (Lennon/McCartney)
14. Don't Pass Me By (Starkey)
15. Why Don't We Do It in the Road? (Lennon/McCartney)
16. I Will (Lennon/McCartney)
17. Julia (Lennon/McCartney)

Disco 2
01. Birthday (Lennon/McCartney)

02. Yer Blues (Lennon/McCartney)
03. Mother Nature's Son (Lennon/McCartney)
04. Everybody's Got Something To Hide Except Me And My Monkey (Lennon/McCartney)
05. Sexy Sadie (Lennon/McCartney)
06. Helter Skelter (Lennon/McCartney)
07. Long, Long, Long (Harrison)
08. Revolution 1 (Lennon/McCartney)
09. Honey Pie (Lennon/McCartney)
10. Savoy Truffle (Harrison)
11. Cry Baby Cry (Lennon/McCartney)
12. Revolution 9 (Lennon/McCartney)
13. Good Night (Lennon/McCartney)

YELLOW SUBMARINE (1968)

01. Yellow Submarine (Lennon/McCartney)
02. Only a Northern Song (Harrison)
03. All Together Now (Lennon/McCartney)
04. Hey Bulldog (Lennon/McCartney)
05. It's All Too Much (Harrison)
06. All You Need is Love (Lennon/McCartney)
07. Pepperland (Martin)
08. Sea of Time (Martin)
09. Sea of Holes (Martin)
10. Sea of Monsters (Martin)
11. March of The Meanies (Martin)
12. Yellow Submarine in Pepperland (Lennon/McCartney/ Martin)

ABBEY ROAD (1969)

01. Come Together (Lennon/McCartney)
02. Something (Harrison)
03. Maxwell's Silver Hammer (Lennon/McCartney)
04. Oh! Darling (Lennon/McCartney)
05. Octopus's Garden (Starkey)
06. I Want You (She's So Heavy) (Lennon/McCartney)
07. Here Comes the Sun (Harrison)
08. Because (Lennon/McCartney)

09. You Never Give Me Your Money (Lennon/McCartney)
10. Sun King (Lennon/McCartney)
11. Mean Mr. Mustard (Lennon/McCartney)
12. Polythene Pam (Lennon/McCartney)
13. She Came in Through the Bathroom Window (Lennon/McCartney)
14. Golden Slumbers (Lennon/McCartney)
15. Carry That Weight (Lennon/McCartney)
16. End (Lennon/McCartney)
17. Her Majesty (Lennon/McCartney)

LET IT BE (1970)

01. Two Of Us (Lennon/McCartney)
02. Dig A Pony (Lennon/McCartney)
03. Across The Universe (Lennon/McCartney)
04. I Me Mine (Harrison)
05. Dig It (Lennon/McCartney/Harrison/Starkey)
06. Let It Be (Lennon/McCartney)
07. Maggie Mae (Lennon/McCartney)
08. I've Got A Feeling (Lennon/McCartney)
09. One After 909 (Lennon/McCartney)
10. Long And Winding Road (Lennon/McCartney)
11. For You Blue (Harrison)
12. Get Back (Lennon/McCartney)

THE BEATLES – 1962/1966 (1973, COLETÂNEA)

Disco 1

01. Love Me Do (Lennon/McCartney)
02. Please Please Me (Lennon/McCartney)
03. From Me to You (Lennon/McCartney)
04. She Loves You (Lennon/McCartney)
05. I Want to Hold Your Hand (Lennon/McCartney)
06. All My Loving (Lennon/McCartney)
07. Can't Buy Me Love (Lennon/McCartney)
08. Hard Day's Night (Lennon/McCartney)
09. And I Love Her (Lennon/McCartney)
10. Eight Days a Week (Lennon/McCartney)

11. I Feel Fine (Lennon/McCartney)
12. Ticket to Ride (Lennon/McCartney)
13. Yesterday (Lennon/McCartney)

Disco 2
01. Help! (Lennon/McCartney)
02. You've Got to Hide Your Love Away (Lennon/McCartney)
03. We Can Work It Out (Lennon/McCartney)
04. Day Tripper (Lennon/McCartney)
05. Drive My Car (Lennon/McCartney)
06. Norwegian Wood (This Bird Has Flown) (Lennon/McCartney)
07. Nowhere Man (Lennon/McCartney)
08. Michelle (Lennon/McCartney)
09. In My Life (Lennon/McCartney)
10. Girl (Lennon/McCartney)
11. Paperback Writer (Lennon/McCartney)
12. Eleanor Rigby (Lennon/McCartney)
13. Yellow Submarine (Lennon/McCartney)

THE BEATLES – 1967/1970 (1973, COLETÂNEA)

Disco 1
01. Strawberry Fields Forever (Lennon/McCartney)
02. Penny Lane (Lennon/McCartney)
03. Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band (Lennon/McCartney)
04. With a Little Help from My Friends (Lennon/McCartney)
05. Lucy in the Sky With Diamonds (Lennon/McCartney)
06. A Day in the Life (Lennon/McCartney)
07. All You Need Is Love (Lennon/McCartney)
08. I Am the Walrus (Lennon/McCartney)
09. Hello Goodbye (Lennon/McCartney)
10. Fool on the Hill (Lennon/McCartney)
11. Magical Mystery Tour (Lennon/McCartney)
12. Lady Madonna (Lennon/McCartney)
13. Hey Jude (Lennon/McCartney)
14. Revolution (Lennon/McCartney)

Disco 2
01. Back in the U.S.S.R. (Lennon/McCartney)
02. While My Guitar Gently Weeps (Harrison)
03. Ob-La-Di, Ob-La-Da (Lennon/McCartney)
04. Get Back (Lennon/McCartney)
05. Don't Let Me Down (Lennon/McCartney)
06. Ballad of John and Yoko (Lennon/McCartney)
07. Old Brown Shoe (Harrison)
08. Here Comes the Sun (Harrison)
09. Come Together (Lennon/McCartney)
10. Something (Harrison)
11. Octopus's Garden (Starkey)
12. Let It Be (Lennon/McCartney)
13. Across the Universe (Lennon/McCartney)
14. Long and Winding Road (Lennon/McCartney)

LOVE SONGS (1977, COLETÂNEA)

Lado A, LP 1
01. Yesterday (Lennon/McCartney)
02. I'll Follow The Sun (Lennon/McCartney)
03. I Need You (Harrison)
04. Girl (Lennon/McCartney)
05. In My Life (Lennon/McCartney)
06. Words of the Love (Buddy Holly)
07. Here, There and Everywhere (Lennon/McCartney)

Lado B, LP 1
01. Something (Harrison)
02. And Love I Her (Lennon/McCartney)
03. If I Feel (Lennon/McCartney)
04. I'll Be Back (Lennon/McCartney)
05. Tell Me What You See (Lennon/McCartney)
06. Yes It Is (Lennon/McCartney)

Lado A, LP 2
01. Michelle (Lennon/McCartney)

02. It’s Only Love (Lennon/McCartney)
03. You’re Going To Lose That Girl (Lennon/McCartney)
04. Every Little Thing (Lennon/McCartney)
05. For No One (Lennon/McCartney)
06. She’s Leaving Home (Lennon/McCartney)

Lado B, LP 2
01. The Long and Winding Road (Lennon/McCartney)
02. This Boy (Lennon/McCartney)
03. Norwegian Wood (This Bird Has Flown) (Lennon/McCartney)
04. You’ve Got to Hide Your Love Away (Lennon/McCartney)
05. I Will (Lennon/McCartney)
06. P.S. I Love You (Lennon/McCartney)

THE BEATLES AT THE HOLLYWOOD BOWL (1977, AO VIVO)

Lado A
01. Twist and Shout (Medley/Russell)
02. She’s a Woman (Lennon/McCartney)
03. Dizzy Miss Lizzy (Williams)
04. Ticket to Ride (Lennon/McCartney)
05. Can’t buy me Love (Lennon/McCartney)
06. Things we said today (Lennon/McCartney)
07. Roll over Beethoven (Berry)

Lado B
01. Boys (Dixon/Farrell)
02. A Hard Day’s Night (Lennon/McCartney)
03. Help! (Lennon/McCartney)
04. All my loving (Lennon/McCartney)
05. She loves you (Lennon/McCartney)
06. Long tall Sally (Johnson/Penniman/Blackwell)

THE BEATLES – “RARITIES” (1979, COLETÂNEA/DUPLO)

Lado A
01. Across The Universe (Lennon/McCartney)
02. Yes It Is (Lennon/McCartney)
03. This Boy (Lennon/McCartney)
04. The Inner Light (Lennon/McCartney)
05. I'll Get You (Lennon/McCartney)
06. Thank You Girl (Lennon/McCartney)
07. Komm, Gib Mir Deine Hand (Lennon/McCartney)
08. You Know My Name (Look Up The Number) (Lennon/McCartney)
09. Sie Liebt Dich (She Loves You) (Lennon/McCartney)

Lado B
01. Rain (Lennon/McCartney)
02. She's A Woman (Lennon/McCartney)
03. Matchbox (Perkins)
04. I Call Your Name (Lennon/McCartney)
05. Bad Boy (Williams)
06. Slow Down (Williams)
07. I'm Down (Lennon/McCartney)
08. Long Tall Sally (Johnson/Penniman/Blackwell)

THE BEATLES BALLADS (1980, COLETÂNEA/DUPLO)

Lado A
01. Yesterday (Lennon/McCartney)
02. Norwegian Wood (This Bird Has Flown) (Lennon/McCartney)
03. Do You Want To Know A Secret (Lennon/McCartney)
04. For No One (Lennon/McCartney)
05. Michelle (Lennon/McCartney)
06. Nowhere Man (Lennon/McCartney)
07. You've Got To Hide Your Love Away (Lennon/McCartney)
08. Across The Universe (Lennon/McCartney)
09. All My Loving (Lennon/McCartney)
10. Hey Jude (Lennon/McCartney)

Lado B

01. Something (Harrison)
02. The Fool On The Hill (Lennon/McCartney)
03. Till There Was You (Lennon/McCartney)
04. The Long And Winding Road (Lennon/McCartney)
05. Here Comes The Sun (Harrison)
06. Blackbird (Lennon/McCartney)
07. And I Love Her (Lennon/McCartney)
08. She's Leaving Home (Lennon/McCartney)
09. Here There And Everywhere (Lennon/McCartney)
10. Let It Be (Lennon/McCartney)

PAST MASTERS – VOL. 1 (1988, COLETÂNEA)

01. Love Me Do (Lennon/McCartney)
02. From Me to You (Lennon/McCartney)
03. Thank You Girl (Lennon/McCartney)
04. She Loves You (Lennon/McCartney)
05. I'll Get You (Lennon/McCartney)
06. I Want to Hold Your Hand (Lennon/McCartney)
07. This Boy (Lennon/McCartney)
08. Komm, Gib Mir Deine Hand (Lennon/McCartney/Nicholas/Heller)
09. Sie Liebt Dich (Lennon/McCartney/Nicholas/Montague)
10. Long Tall Sally (Johnson/Richards/Blackwell)
11. I Call Your Name (Lennon/McCartney)
12. Slow Down (Williams)
13. Matchbox (Perkins)
14. I Feel Fine (Lennon/McCartney)
15. She's a Woman (Lennon/McCartney)
16. Bad Boy (Williams)
17. Yes It is (Lennon/McCartney)
18. I'm Down (Lennon/McCartney)

PAST MASTERS VOL. 2 (1988, COLETÂNEA)

01. Day Tripper (Lennon/McCartney)
02. We Can Work It Out (Lennon/McCartney)
03. Paperback Writer (Lennon/McCartney)
04. Rain (Lennon/McCartney)
05. Lady Madonna (Lennon/McCartney)

06. The Inner Light (Harrison)
07. Hey Jude (Lennon/McCartney)
08. Revolution (Lennon/McCartney)
09. Get Back (Lennon/McCartney)
10. Don’t Let Me Down (Lennon/McCartney)
11. The Ballad of John and Yoko (Lennon/McCartney)
12. Old Brown Shoe (Harrison)
13. Across the Universe (Lennon/McCartney)
14. Let It Be (Lennon/McCartney)
15. You Know My Name (Look up the Number) (Lennon/McCartney)

THE BEATLES – LIVE AT THE BBC (1994, AO VIVO/DUPLO)

Disco 1
01. Beatle Greetings [Speech]
02. From Us to You (Lennon/McCartney)
03. Riding on a Bus [Speech]
04. I Got a Woman (Charles)
05. Too Much Monkey Business (Berry)
06. Keep Your Hands off My Baby (Goffin/King)
07. I’ll Be on My Way (Lennon/McCartney)
08. Young Blood (Leiber/Stoller/Pomus)
09. Shot of Rhythm and Blues (Thompson)
10. Sure to Fall (In Love With You) (Perkins/Claunch/Cantrell)
11. Some Other Guy (Leiber/Stoller/Barrett)
12. Thank You Girl (Lennon/McCartney)
13. Sha la la la La! [Speech]
14. Baby It’s You (David/Bacharach/Williams)
15. That’s All Right (Mama) (Crudup)
16. Carol (Berry)
17. Soldier of Love (Lay Down Your Arms) (Cason-Moon)
18. Little Rhyme [Speech]
19. Clarabella (Pingatore)
20. I’m Gonna Sit Right Down and Cry (Over You) (Thomas-Biggs)
21. Crying, Waiting, Hoping (Holly)
22. Dear Wack! [Speech]

23. You Really Got a Hold on Me (Robinson)
24. To Know Her Is to Love Her (Spector)
25. A Taste of Honey (Marlow/Scott)
26. Long Tall Sally (Johnson/Penniman/Blackwell)
27. I Saw Her Standing There (Lennon/McCartney)
28. Honeymoon Song (Theodorakis/Sansom)
29. Johnny B. Goode (Berry)
30. Memphis (Berry)
31. Lucille (Collins/Penniman)
32. Can't Buy Me Love (Lennon/McCartney)
33. From Fluff to You [Speech]
34. Till There Was You (Willson)

Disco 2
01. Crinsk Dee Night [Speech]
02. Hard Day's Night (Lennon/McCartney)
03. Have a Banana! [Speech]
04. I Wanna Be Your Man (Lennon/McCartney)
05. Just a Rumor [Speech]
06. Roll Over Beethoven (Berry)
07. All My Loving (Lennon/McCartney)
08. Things We Said Today (Lennon/McCartney)
09. She's a Woman (Lennon/McCartney)
10. Sweet Little Sixteen (Berry)
11. 1822! [Speech]
12. Lonesome Tears in My Eyes (J. Burnette/D. Burnette/ Burlison/Mortimer)
13. Nothin' Shakin' (But the Leaves on the Trees) (Fontaine/Calacrai/Lampert/Gluck)
14. The Hippy Hippy Shake (Romero)
15. Glad All Over (Bennett/Tepper/Schroeder)
16. I Just Don't Understand (Wilkin/Westberry)
17. So How Come (No One Loves Me)
18. I Feel Fine (Lennon/McCartney)
19. I'm a Loser (Lennon/McCartney)
20. Everybody's Trying to Be My Baby (Perkins)
21. Rock and Roll Music (Berry)

22. Ticket to Ride (Lennon/McCartney)
23. Dizzy Miss Lizzy (Williams)
24. Medley: Kansas City (Leiber/Stoller)/Hey! Hey! Hey! Hey! (Penniman)
25. Set Fire to That Lot! [Speech]
26. Matchbox (Perkins)
27. I Forgot to Remember to Forget (Kesler/Feathers)
28. Love These Goon Shows! [Speech]
29. I Got to Find My Baby (Berry)
30. Ooh! My Soul (Penniman)
31. Ooh! My Arms [Speech]
32. Don't Ever Change (Goffin/King)
33. Slow Down (Williams)
34. Honey Don't (Perkins)
35. Love Me Do (Lennon/McCartney)

THE BEATLES – ANTHOLOGY # 1 (1995, COLETÂNEA/DUPLO)

Disco 1
01. Free as a Bird (Lennon – com contribuição de McCartney/Harrison/Starkey)
02. We Were Four Guys…That's All [Interview] – John Lennon
03. That'll Be the Day (Allison/Holly/Petty)
04. In Spite of All the Danger (Lennon/McCartney/Harrison)
05. Sometimes I'd Borrow…Those Still Exist [Interview] – Mark Lewisohn
06. Hallelujah, I Love Her So (Charles)
07. You'll Be Mine (Lennon/McCartney)
08. Cayenne (Lennon/McCartney)
09. First of All…It Didn't Do a Thing Here [Interview] – Paul McCartney
10. My Bonnie (Música tradicional, arranjo de Tony Sheridan)
11. Ain't She Sweet (Ager/Yellen)
12. Cry for a Shadow (Lennon/Harrison)
13. Brian Was a Beautiful Guy…He Presented Well [Interview] – John Lennon

14. I Secured Them…A Beatle Drink Even Then [Reading] – Brian Epstein
15. Searchin' (Leiber/Stoller)
16. Three Cool Cats (Leiber/Stoller)
17. Sheik of Araby (Smith/Wheeler/Snyder)
18. Like Dreamers Do (Lennon/McCartney)
19. Hello Little Girl (Lennon/McCartney)
20. Well, the Recording Test…By My Artists [Reading] – Brian Epstein
21. Besame Mucho (Velazquez/Skylar)
22. Love Me Do (Lennon/McCartney)
23. How Do You Do It? (Murray)
24. Please Please Me (Lennon/McCartney)
25. One After 909 [Sequence] (Lennon/McCartney)
26. One After 909 [Complete] (Lennon/McCartney)
27. Lend Me Your Comb (Twomey/Wise/Weisman)
28. I'll Get You (Lennon/McCartney)
29. We Were Performers…In Britain [Interview] – John Lennon
30. I Saw Her Standing There (Lennon/McCartney)
31. From Me to You (Lennon/McCartney)
32. Money (That's What I Want) (Gordy Jr./Bradford)
33. You've Really Got a Hold on Me (Robinson)
34. Roll over Beethoven (Berry)

Disco 2
01. She Loves You [Take] (Lennon/McCartney)
02. Till There Was You (Willson)
03. Twist and Shout (Medley/Russell)
04. This Boy (Lennon/McCartney)
05. I Want to Hold Your Hand [Version] (Lennon/McCartney)
06. Boys, What I Was Thinking…
07. Moonlight Bay (Madden/Wenrich)
08. Can't Buy Me Love (Lennon/McCartney)
09. All My Loving [Version] (Lennon/McCartney)
10. You Can't Do That (Lennon/McCartney)
11. And I Love Her [Version] (Lennon/McCartney)
12. Hard Day's Night [Version] (Lennon/McCartney)
13. I Wanna Be Your Man (Lennon/McCartney)

14. Long Tall Sally (Johnson/Penniman/Blackwell)
15. Boys (Dixon/Farrell)
16. Shout (The Isley Brothers)
17. I'll Be Back [Take 2] (Lennon/McCartney)
18. I'll Be Back [Take 3] (Lennon/McCartney)
19. You Know What to Do (Harrison)
20. No Reply [Demo Version] (Lennon/McCartney)
21. Mr. Moonlight (Johnson)
22. Leave My Kitten Alone (Turner/McDougal)
23. No Reply [Take] (Lennon/McCartney)
24. Eight Days a Week [Sequence] (Lennon/McCartney)
25. Eight Days a Week [Complete] (Lennon/McCartney)
26. Kansas City/Hey-Hey-Hey-Hey! (Leiber/Stoller/Penniman)

THE BEATLES – ANTHOLOGY # 2 (1996, COLETÂNEA/DUPLO)

Disco 1
01. Real Love (Lennon)
02. Yes It Is [Version] (Lennon/McCartney)
03. I'm Down (Lennon/McCartney)
04. You've Got to Hide Your Love Away [Version]
05. If You've Got Troubles (Lennon/McCartney)
06. That Means a Lot (Lennon/McCartney)
07. Yesterday [Take] (Lennon/McCartney)
08. It's Only Love [Take] (Lennon/McCartney)
09. I Feel Fine (Lennon/McCartney)
10. Ticket to Ride (Lennon/McCartney)
11. Yesterday [Take] (Lennon/McCartney)
12. Help! [Version] (Lennon/McCartney)
13. Everybody's Trying to Be My Baby (Perkins)
14. Norwegian Wood (This Bird Has Flown) (Lennon/McCartney)
15. I'm Looking Through You (Lennon/McCartney)
16. 12-Bar Original (Lennon/McCartney/Harrison/Starkey)
17. Tomorrow Never Knows (Lennon/McCartney)
18. Got to Get You into My Life (Lennon/McCartney)
19. And Your Bird Can Sing [Version] (Lennon/McCartney)

20. Taxman (Harrison)
21. Eleanor Rigby [Strings Only] (Lennon/McCartney)
22. I’m Only Sleeping [Rehearsal] (Lennon/McCartney)
23. I’m Only Sleeping [Take 1] (Lennon/McCartney)
24. Rock & Roll Music (Berry)
25. She’s a Woman (Lennon/McCartney)

Disco 2
01. Strawberry Fields Forever [Demo Sequence] (Lennon/McCartney)
02. Strawberry Fields Forever [Take 1] (Lennon/McCartney)
03. Strawberry Fields Forever [Take 7 and Edit Piece] (Lennon/McCartney)
04. Penny Lane [Take] (Lennon/McCartney)
05. A Day in the Life [Version] (Lennon/McCartney)
06. Good Morning, Good Morning [Version] (Lennon/McCartney)
07. Only a Northern Song (Harrison)
08. Being for the Benefit of Mr. Kite [Takes 1 and 2] (Lennon/McCartney)
09. Being for the Benefit of Mr. Kite [Take 7] (Lennon/McCartney)
10. Lucy in the Sky With Diamonds [Take] (Lennon/McCartney)
11. Within You, Without You [Instrumental] (Harrison)
12. Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band (Reprise) [Take] (Lennon/McCartney)
13. You Know My Name (Look up the Number) (Lennon/McCartney)
14. I Am the Walrus [Version] (Lennon/McCartney)
15. Fool on the Hill [Demo Version] (Lennon/McCartney)
16. Your Mother Should Know (Lennon/McCartney)
17. Fool on the Hill [Take 4] (Lennon/McCartney)
18. Hello Goodbye [Version] (Lennon/McCartney)
19. Lady Madonna [Take] (Lennon/McCartney)
20. Across the Universe [Alternate Take] (Lennon/McCartney)

THE BEATLES – ANTHOLOGY # 3 (1996, COLETÂNEA/DUPLO)

Disco 1
01. A Beginning (Martin)

02. Happiness Is A Warm Gun (Lennon/McCartney)
03. Helter Skelter (Lennon/McCartney)
04. Mean Mr. Mustard (Lennon/McCartney)
05. Polythene Pam (Lennon/McCartney)
06. Glass Onion (Lennon/McCartney)
07. Junk (McCartney)
08. Piggies (Harrison)
09. Honey pie (Lennon/McCartney)
10. Don't Pass Me By (Starkey)
11. Ob-La-Di, Ob-La-Da (Lennon/McCartney)
12. Good Night (Lennon/McCartney)
13. Cry Baby Cry (Lennon/McCartney)
14. Blackbird (Lennon/McCartney)
15. Sexy Sadie (Lennon/McCartney)
16. While My Guitar Gently Weeps (Harrison)
17. Hey Jude (Lennon/McCartney)
18. Not Guilty (Harrison)
19. Mother Nature's Son (Lennon/McCartney)
20. Glass Onion (Lennon/McCartney) [Mono]
21. Rocky Raccoon (Lennon/McCartney)
22. What's The New Mary Jane (Lennon/McCartney)
23. Step Inside Love/Los Paranoias (Lennon/McCartney)
24. I'm So Tired (Lennon/McCartney)
25. I Will (Lennon/McCartney)
26. Why Don't We Do It In The Road (Lennon/McCartney)
27. Julia (Lennon/McCartney)

Disco 2
01. I've Got A Feeling (Lennon/McCartney)
02. She Came Through The Bathroom Window (Lennon/McCartney)
03. Dig A Pony (Lennon/McCartney)
04. Two Of Us (Lennon/McCartney)
05. For You Blue (Harrison)
06. Teddy Boy (McCartney)
07. Medley: Rip It Up (Blackwell/Marascalco)/ Shake Rattle And Roll (Calhoun)/Blue Suede Shoes (Perkins)
08. The Long And Winding Road (Lennon/McCartney)

09. Oh! Darling (Lennon/McCartney)
10. All Things Must Pass (Harrison)
11. Mailman, Bring Me No More Blues (Roberts/Katz/ Clayton)
12. Get Back (Lennon/McCartney)
13. Old Brown Shoes (Harrison)
14. Octopus's Garden (Starkey)
15. Maxwell's Silver Hammer (Lennon/McCartney)
16. Something (Harrison)
17. Come Together (Lennon/McCartney)
18. Come And Get It (McCartney)
19. Ain't She Sweet (Ager/Yellen)
20. Because (Lennon/Mccartney)
21. Let It Be (Lennon/McCartney)
22. I Me Mine (Harrison)
23. The End (Lennon/McCartney)

THE BEATLES – 1 (2000, COLETÂNEA)

01. Love Me Do (Lennon/McCartney)
02. From Me To You (Lennon/McCartney)
03. She Loves You (Lennon/McCartney)
04. I Want To Hold Your Hand (Lennon/McCartney)
05. Can't Buy Me Love (Lennon/McCartney)
06. A Hard Day's Night (Lennon/McCartney)
07. I Feel Fine (Lennon/McCartney)
08. Eight Days A Week (Lennon/McCartney)
09. Ticket To Ride (Lennon/McCartney)
10. Help! (Lennon/McCartney)
11. Yesterday (Lennon/McCartney)
12. Day Tripper (Lennon/McCartney)
13. We Can Work It Out (Lennon/McCartney)
14. Paperback Writer (Lennon/McCartney)
15. Yellow Submarine (Lennon/McCartney)
16. Eleanor Rigby (Lennon/McCartney)
17. Penny Lane (Lennon/McCartney)
18. All You Need Is Love (Lennon/McCartney)
19. Hello, Goodbye (Lennon/McCartney)
20. Lady Madonna (Lennon/McCartney)

21. Hey Jude (Lennon/McCartney)
22. Get Back (Lennon/McCartney)
23. The Ballad Of John And Yoko (Lennon/McCartney)
24. Something (Harrison)
25. Come Together (Lennon/McCartney)
26. Let It Be (Lennon/McCartney)
27. The Long And Winding Road (Lennon/McCartney)

LET IT BE...NAKED (2003, NOVA VERSÃO*)

01. Get Back (Lennon/McCartney)
02. Dig a Pony (Lennon/McCartney)
03. For You Blue (Harrison)
04. The Long and Winding Road (Lennon/McCartney)
05. Two of Us (Lennon/McCartney)
06. I've Got a Feeling (Lennon/McCartney)
07. One After 909 (Lennon/McCartney)
08. Don't Let Me Down (Lennon/McCartney)
09. I Me Mine (Harrison)
10. Across the Universe (Lennon/McCartney)
11. Let It Be (Lennon/McCartney)

* Com CD Bônus contendo diálogos e vinhetas

LOVE (2006, COLETÂNEA)

01. Because (Lennon/McCartney)
02. Get Back (Lennon/McCartney)
03. Glass Onion (Lennon/McCartney)
04. Eleanor Rigby/ Julia (Transition) (Lennon/McCartney)
05. I Am The Walrus (Lennon/McCartney)
06. I Want To Hold Your Hand (Lennon/McCartney)
07. Drive My Car/ The Word/ What You're Doing (Lennon/McCartney)
08. Gnik Nus (Lennon/McCartney)
09. Something/ Blue Jay Way (Transition) (Harrison)
10. Being For The Benefit of Mr. Kite!/ I Want You (She's So Heavy)/ Helter Skelter (Lennon/McCartney)
11. Help! (Lennon/McCartney)
12. Blackbird/ Yesterday (Lennon/McCartney)
13. Strawberry Fields Forever (Lennon/McCartney)

14. Within You Without You (Harrison)/ Tomorrow Never Knows (Lennon/McCartney)
15. Lucy in the Sky With Diamonds (Lennon/McCartney)
16. Octopus's Garden (Starkey)
17. Lady Madonna (Lennon/McCartney)
18. Here Comes The Sun /The Inner Light (Transition) (Harrison)
19. Come Together/ Dear Prudence/ Cry Baby Cry (Transition) (Lennon/McCartney)
20. Revolution (Lennon/McCartney)
21. Back In The U.S.S.R. (Lennon/McCartney)
22. While My Guitar Gently Weeps (Harrison)
23. A Day In The Life (Lennon/McCartney)
24. Hey Jude (Lennon/McCartney)
25. Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band (Reprise) (Lennon/McCartney)
26. All You Need Is Love (Lennon/McCartney)

FILMOGRAFIA

A Hard Day's Night (1964, United Artists, 87 min.)
Título no Brasil: *Os reis do Iê-Iê-Iê!*
Direção: Richard Lester
Estreia cinematográfica dos Beatles, o enredo de *A Hard Day´s Night* registra todo o fervor da Beatlemania e mostra a "vida de popstar" do quarteto de Liverpool. Ação, diversão e muita música. Destaque para o ator Wilfrid Brambell no papel de avô de Paul McCartney.

Help! (1965, United Artists, 92 min.)
Título no Brasil: *Socorro!*
Direção: Richard Lester
Na história, os Beatles são perseguidos por adeptos de um culto indiano que pretendem tomar um anel de Ringo Starr. *Help!* também teve direção de Richard Lester, que naquele ano ganharia a Palma de Ouro no Festival de Cannes com a comédia *The Knack…and How to Get it.*

Magical Mistery Tour (1967, New Line Cinema, 55 min.)
Direção: The Beatles
Filme para a televisão, exibido pelo canal BBC e dirigido pelo Fab Four. Na comédia de humor meio pastelão, meio nonsense, Ringo e sua tia (Jessie Robins) compram bilhetes para um passeio misterioso. Foi o maior fracasso de público e crítica dos Beatles.

Yellow Submarine (1968, Apple Films/United Artists, 90 min.)
Direção: George Dunning
Desenho: Heinz Edelmann
Reeditado e relançado em DVD (1999)
No desenho animado pop e psicodélico, John, Paul, Ringo e George embarcam num submarino amarelo para salvar Pepperland, o paraíso da música a 80 mil léguas submarinas, das garras repressoras dos Blue Marines. Roteiro de Lee Minoff.

Let it Be (1970, United Artists, 81 min.)
Direção: Michel Lindsay-Hogg

Documentário com o *making of* das gravações do último disco dos Beatles, *Let it be.* O clima pesado toma conta das filmagens. *Let it be* traz cenas do show no edifício da Apple, na Savile Row, em Londres.

The Beatles Anthology – Documentário (1995, EMI Records, 8 ep., 11 hs 24 min.)

Direção: George Wonfor e Bob Smeaton

Relançado em DVD (2003, 5 vol.)

The Beatles Anthology é um documentário para a TV cujo principal atrativo são as imagens inéditas dos Beatles. Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr concederam depoimentos especialmente para o projeto. John Lennon aparece numa compilação de entrevistas antigas.

All Together Now – Documentário (ING, 2008, 86 min.)

Direção: Adrian Wills

Making of do musical *Love* (2006)*,* da companhia Cirque du Soleil, que narra com danças, sons e acrobacias a história dos Beatles. Paul MacCartney, Ringo Starr, George Harrison, Yoko Ono e Olivia Harrison (viúva de George) aparecem juntos em estúdio.

DEZ CURIOSIDADES SOBRE OS BEATLES: NOVAS E VELHAS RELACIONADAS AOS GAROTOS DE LIVERPOOL

1. No site da revista *Rolling Stone* (www.rollingstone.com), uma enquete indagava sobre quais seriam os 15 melhores álbuns homônimos da história. Os leitores votaram em massa e *The Beatles* (1968), ou *The White Album*, ficou em primeiríssimo lugar.

2. Disponível para os consoles Xbox 360 (Microsoft), Playstation 3 (Sony) e Wii (Nintendo), "The Beatles: Rock Band", projeto da trinca MTV Games, Harmonix e Apple Corps, promete divertir tanto os amantes dos videogames como os fanáticos pela banda de Liverpool.

3. O time espanhol Villareal Club de Fútbol é carinhosamente chamado por seus torcedores de El Submarino Amarelo, uma alusão a *Yellow Submarine*, título de canção, álbum e filme dos Beatles. O uniforme da equipe de Castellón é amarelo da camisa aos meiões.

4. O centroavante Keirrison, goleador no Coritiba e Palmeiras, possui esse nome peculiar porque o pai gosta da letra K e… de George Harrison e Jim Morrison (Doors)! O guitarrista dos Beatles não ligava para futebol. Preferia automobilismo. No geral, os Beatles apreciavam moderadamente o esporte bretão. O jornalista Brian Phillips, do The Run of Play, defende a tese de que uma das pinturas da infância de John Lennon retrata um Arsenal x Newcastle de 1952. Especula-se ainda que John perdeu o interesse pelo futebol na adolescência. Já o coração de Paul McCartney teria balançado, em épocas diferentes, pelos rivais de Liverpool, Everton FC e Liverpool FC. E Ringo Starr apoiaria o Arsenal de Londres. Será? A Inglaterra conquistou sua única Copa do Mundo em 1966, nos anos dourados da Beatlemania.

5. Segue um listão de bandas covers dos Beatles no Brasil: Banda Paperback, Abbey Road, Blackbird Band, The Beatles Fun Club Band, Túnel do Tempo, Club Big Beatles, The Beatless, Pepperband, Sgt. Peppers Band, Anthology Band etc.

6. Paul McCartney gravou a bateria em "Back in The URSS" (*The White Album*, 1968) e "The Ballad of John and Yoko" (single "The Ballad of John and Yoko"/ "Old Brown Shoe", 1969).

7. Sabe a “While My Guitar Gently Weeps”, de George Harrison? Pensou que fosse ele a detonar na guitarra? Negativo. Quem sola na faixa é Eric Clapton!

8. O rosto do líder nazista Adolf Hitler “aparece” na parodiada capa do Sgt. Pepper´s Lonely Hearts Club Band. O desenhista Peter Blake, expoente da pop art e responsável pelo trabalho, afirmou ao repórter Anthony Barnes, do diário britânico *The Independent*, que a imagem do *fuhrer* ficou oculta na montagem, sobreposta às de Ringo Starr e Johnny Weissmuller, campeão olímpico de natação e Tarzan no cinema.

9. Corre o boato de que o empresário Brian Epstein teria adulterado o resultado das vendas do single “Love Me Do” ao comprar 10 mil cópias do compacto de estreia dos Beatles.

10. Em “Strawberry Fields Forever” um barulho semelhante ao código morse intriga os mais atentos ouvintes dos Beatles. O código seria “KAKTTEA”. Mas ninguém sabe ao certo qual o significado dele. Ruído de gravação? Mensagem oculta? Piada interna?

---

1 Sigo a padronização oficial de catálogo dos Beatles. Inclui Tony Sheridan with The Beatles e Meet the Beatles! devido ao papel fundamental dos dois álbuns na consolidação da Beatlemania. No tocante às coletâneas, reconheço que, em alguns casos, as versões e ordenações variam conforme o país e/ou mercado.

The Beatles em Hamburgo: quem é quem

Nome	Idade	Posição	Instrumento	Amplificador
John Lennon	19	guitarra/voz	Hofner Club 40	Truevoice
Paul McCartney	18	guitarra/voz	Rosetti Solid 7	Elpico
George Harrison	17	guitarra/voz	Futurama Resonet	Truevoice
Stuart Sutcliffe	20	contrabaixo	Hofner 333	Watkins
Peter Best	18	bateria	Premier Blue Pearl	-------